MODO DE VIDA E PAISAGEM

PEQUENOS CENTROS URBANOS NA RAYA SECA

Rui Braz Afonso
Daniela Ladiana
Domingos Vaz

COLEÇÃO
LANDSCAPE IN TRANSLATION

COLEÇÃO
LANDSCAPE IN TRANSLATION

Direção
Direction
Rui Braz Afonso

Coordenação científica
Scientific coordination
Daniela Ladiana

Conselho Científico Consultor
Scientific committee
Juan Carlos Arnuncio Alessandro Balducci
Tiziana Basiricò João Bernardo Ignacio Bosch
João Castro Caldas Giovanni Carrosio
Pedro Guedes de Carvalho Domenico Costantino
Alessandro Dal Piaz Alexandra Gesta
Teresa Heitor Arturo Lanzani
Lorenzo López Trigal
Julian Mora Aliseda Marco Mulazzani
Virgílio Borges Pereira Giorgio Piccinato
Juan Luis de las Rivas Sanz Luis Santos y Ganges
Domingos Vaz

Coordenação Editorial
Editorial committee
Rui Braz Afonso
Teresa Calix
Daniela Ladiana
José Miguel Rodrigues

A Coleção "LANDSCAPE IN TRANSLATION" que teve origem na linha de pesquisa internacional "Paisagem em Translação para o Governo da Transição" coordenada no CEAU-FAUP, propõe textos que desenvolvem reflexões teóricas, metodológicas e operativas centradas na temática das transformações físicas, económicas e sociais dos territórios e das implicações dessas dinâmicas na qualidade da paisagem. O objetivo da coleção é fomentar o diálogo interdisciplinar em torno do tema da relação entre pequenos e grandes assentamentos urbanos e as áreas rurais circundantes e, em particular, das dinâmicas de transformação das cidades, vilas e aldeias em relação ao seu contexto, uma realidade cada vez mais caracterizada pelos fenómenos da globalização.

The "LANDSCAPE IN TRANSLATION" series originating from the international research line "LANDSCAPE IN TRANSLATION – For the Government of the Transition" coordinated in the CEAU-FAUP, proposes texts that develop theoretical, methodological and operational reflections focused on the theme of physical, economic and social transformations of the territories and on the implications of these dynamics on the quality of the landscape. The purpose of the series is to foster interdisciplinary dialogue around the theme of the relationship between small and large urban settlements and the surrounding rural areas and in special, of the dynamics of transformation of cities, towns and villages in relation to their context. in a reality increasingly characterized by the phenomena of globalization.

Os livros publicados nesta coleção são submetidos a *peer-review*.
Books Published in this series are peer-reviewed.

Esta publicação, que é o terceiro volume da Coleção "LANDSCAPE IN TRANSLATION" do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, recolhe os resultados da pesquisa "Povoamento e Paisagem", desenvolvida no âmbito da linha de investigação interuniversitária "LANDSCAPE IN TRANSLATION – For the Government of the Transition", com base no grupo MDT- Morfologias e Dinâmicas do Território (Territory Dynamics and Morphologies) do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo.

Coordenador Científico:
Rui Braz Afonso (FAUP)
Responsável Editorial:
Rui Braz Afonso
Desenho Capa:
Rui Alves
Projecto gráfico:
Rafael Sousa Santos
Impressão e acabamento:
Multitema

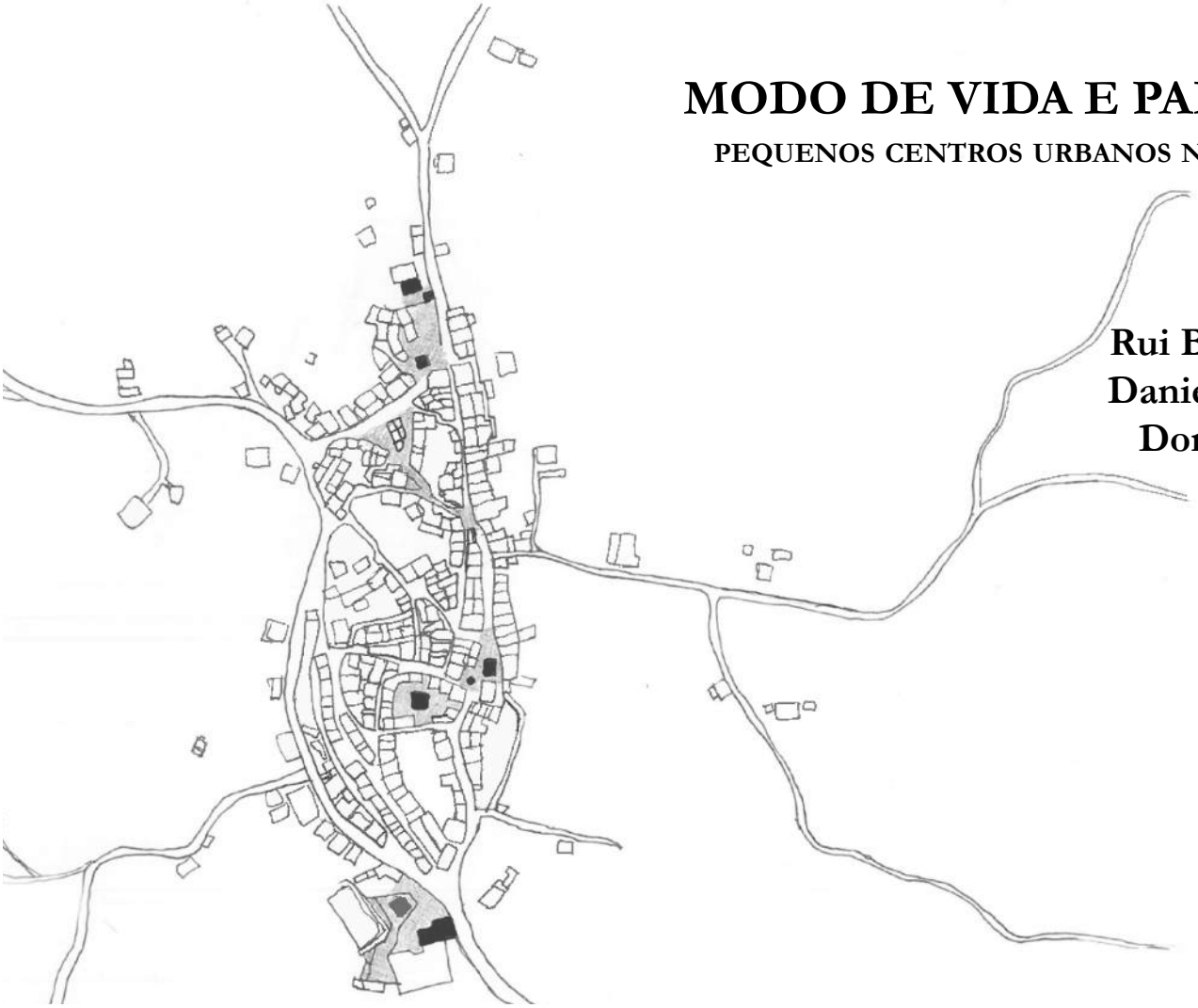
1ª edição: 2022
Depósito legal: 515512/23
ISBN 978-989-8527-44-8

© Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

CEAU | Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Rua do Golgota 215, 4150 · Porto
www.ceau.arq.up.pt

Dd'A | Dipartimento di Architettura
Università degli Studi "G. d'Annunzio"
Viale Pindaro 42, 65127 · Pescara
www.dda.unich.it



MODO DE VIDA E PAISAGEM

PEQUENOS CENTROS URBANOS NA RAYA SECA

Rui Braz Afonso
Daniela Ladiana
Domingos Vaz

COLEÇÃO
LANDSCAPE IN TRANSLATION

Modo de vida e paisagem
Pequenos Centros Urbanos na Raya Seca

SUMÁRIO

7
Apresentação
Alexandra Gesta

11
Introdução
Rui Braz Afonso

17
Abandono e Resistência nos Centros Menores dos Territórios da Raya Seca
Rui Braz Afonso

29
Atrair Gente com Gente: Entre a Diversidade e a Capacidade de Transformação
Domingos Vaz

51
Centros Menores: Problema e Oportunidade
Daniela Ladiana

73
Casos em Estudo
Rui Braz Afonso

APRESENTAÇÃO

ALEXANDRA GESTA

ARQUITECTA

APRESENTAÇÃO

ALEXANDRA GESTA

ARQUITECTA

É difícil traduzir em poucas linhas a importância dos centros menores para uma leitura compreensiva da paisagem e território na sua globalidade e singularidade. No entanto darei o meu melhor. Seria um erro olhar para uma massa geográfica e não tentar compreender as suas nuances e singularidades. Uma investigação à anatomia do nosso território e respetiva etnografia e cultura estará sempre incompleta sem um olhar atento aos tão esquecidos centros menores. Bem como um auscultar minucioso à sua resistência e como a mesma estabelece uma relação com a paisagem.

Pensando no valor deste escrutínio, não me ocorre uma mente melhor para o fazer, se não a de Rui Braz Afonso. A sua capacidade de investigação na pluridisciplinaridade confere a qualquer assunto por si abordado uma perspetiva e visão de longo alcance, sem perder o rigor do detalhe.

Este livro reflete um tema que na contemporaneidade tem ficado esquecido, apesar de ser de demais importância. É por isso vital não permitir que este tópico seja deturpado em retóricas de lobbies de interesses ou tecnocracias. O tema: A Dignidade da Pessoa Humana.

O texto aqui presente reflete um interesse em aprofundar modos de vida, mas também o *modus operandi* do quotidiano do local, buscando assim razões, natureza histórica, bem como a essência humana do lugar. Esta obra escrita a três mãos é também escrita a três mentes, três linhas de pensamentos e três sentires.Cada interveniente traz para cima da mesa um conjunto de ferramentas para o desenvolvimento do saber, um levantar de questões que eleva a profundidade do texto a novos níveis de reflexão.

Sem uma análise sociológica, este livro ficaria incompleto, assim, Domingos Vaz discorre sobre "O objetivo deste texto é o de escrutinar dinâmicas socio-económicas, culturais, e lúdicas…". Vila Maior, Caria, Sobral de São Miguel, Bemposta, Janeiro de Cima, Idanha-a-Velha e Freineda foram os exemplos escrutinados neste livro. Daniela Ladiana traz mais do que apenas uma análise da arquitetura. Daniela Ladiana traz uma visão acutilante e sensível, sem deixar de ser incisiva.

É importante compreender que uma análise da cultura portuguesa e transfronteiriça, uma leitura das singularidades de um Povo nunca poderá estar completo se se cingir apenas e só à discussão do tema do Património das áreas Centrais e Urbana, aquilo a que comummente se chama Centros Históricos, simplesmente porque a forma como o território se organiza não obedece a regras convenientes a estudiosos que não estejam dispostos a ver além de regras rígidas. O construído e a paisagem não são lineares nem binários.

Se apenas um tema da obra pudesse escolher destacar, o tema que vejo como de superior importância é o tema da Resistência - da capacidade dos territórios de se reinventarem ao mesmo tempo que se mantêm fiéis a si mesmos e ao seu passado e valores e tradições históricas. A capacidade de perseverança perante um contexto de mudanças progressivamente mais aceleradas que obedecem a interesses sócio-económicos que são indiferentes a estes saberes e gentes. Uma competência de não se descaracterizar, sem deixar de se atualizar e adaptar.

Compreender este fenómeno, não apenas com um olhar frio, analítico e robótico, mas também com a devida sensibilidade permite um melhor alcance do que são estes territórios, podendo mesmo abrir portas para o desenvolvimento de ferramentas que permitam munir os técnicos de conhecimento para a atuação territorial.

INTRODUÇÃO

RUI BRAZ AFONSO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA-CEAU

INTRODUÇÃO

RUI BRAZ AFONSO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - CEAU

A linha de pesquisa "LANDSCAPE IN TRANSLATION" tem orientado o trabalho para a compreensão dos fenómenos que relacionam a paisagem com os modos de vida em territórios marginais.
O objectivo é conhecer para entender e interpretar as relações entre modo de vida e paisagem, para estudar como condicionam o bem-estar e a continuidade do apego à terra. Durante o período em que vivemos, sob a condição de ameaça pandémica, a equipa de pesquisa, que pôde tirar partido da permanência de alguns dos seus membros num refúgio temporário no território do Interior, dedicou a sua atenção à identificação e caracterização dos centros menores da zona raiana, nomeadamente na chamada Raya Seca, área na proximidade da linha fronteiriça entre Douro e Tejo.

Ao longo do trabalho que permitiu visitar mais de cem destes pequenos centros, foi surgindo a ideia de pôr em valor aqueles em que se intuíam formas de resistência ao abandono, criando melhores condições de vida para os residentes, estimulando a autoestima das gentes e fomentando modos de conservação e de reforço dos saberes e dos costumes.

Foram então estudados sete pequenos centros urbanos onde a equipa pôde tomar conhecimento da existência de movimentos de pessoas que procuram defender a especificidade de cada lugar, propondo diversas acções que pretendem prosseguir aqueles princípios, que permitam enquadrar os valores locais e os relacionem entre si de modo a destacar o valor do conjunto e a importância da sua interacção como determinante da caracterização de um lugar único.

Normalmente gravitando em torno de Associações Culturais e de Desenvolvimento Local, pessoas do local, nele residentes e por vezes não residentes mas que mantêm laços de pertença ao lugar, desenvolveram um trabalho de caracterização dos elementos materiais e imateriais que representam de algum modo a vida humana, para permitir desenvolver nas pessoas envolvidas, o "sentido de pertença" e assim contribuir para o conhecimento partilhado dos elementos que definem os valores locais, e estimular o reforço da adesão ao "espírito do lugar".

Impressionou a equipa que em quase todos os sete centros sobre os quais se focou o trabalho, existisse uma monografia, sempre produzida por pessoas com laços no lugar, residentes ou não, e quase em todos os casos membros de Associações ou Grupos de Estudo do centro em foco. E também em quase todos, se pode observar o trabalho de dinamização de atividades de descoberta e divulgação de valores que contribuem para pôr em evidência as qualidades da vida local.

Muito frequentes as acções de domínio sociocultural, como mostras da tradição e dos saberes, dos processos produtivos de bens e serviços e por vezes visitas guiadas que estimulam nas gentes a participação e a comunicação de factos e detalhes da vida, por vezes esquecidos. Verifica-se em alguns centros uma tendência para nos estudos e nas mostras, pôr em evidência a paisagem, seja como lugar de preexistências históricas que contribuem para melhor conhecer a evolução da vida local, seja como lugar de lazer e descoberta, seja como lugar de produção agrícola que permite, ou permitiu que se desenvolvesse um modo de vida equilibrado, olhado por vezes com um certo ar nostálgico, e que em certos casos permite a manutenção de uma agricultura familiar que muito é valorizada pelas gentes, como forma de resistência ao consumo de massas tipificado.

Foi interessante verificar que a ideia de comunidade "única" e portanto de grande valor está bastante presente nestes centros, contribuindo para o renascer de alguns costumes e tradições, desde a reativação de fornos de lenha para cozeduras e de moinhos e lagares para moendas e espremeduras, até à recriação de antigos rituais e modos de vivência, que durante algum tempo se realizam, elevando a autoestima dos locais e atraindo forasteiros em busca da chamada "vida no mundo rural", embora num caso ou outro o forasteiro tenha acabado por impor o seu modelo de vida, nomeadamente pela desproporção entre rendimentos disponíveis das gentes locais e dos visitantes temporários.

Um dos aspectos que parece estar a perder representatividade é o da consideração dos valores físicos, construídos ou trabalhados, que, embora resistindo à transformação, acabam "colonizados" pela ideia de que quem chega deve poder dispor do melhor, ou seja daquilo de que já dispõe no seu centro urbano de maior dimensão, criando uma tendência para o mimetismo, muito presente nestes territórios. No edificado por argumentos de conforto, aparentemente mal interpretados, pois quem vem usufruir de do ambiente do mundo rural "autêntico", não pode esperar o dito conforto ao qual estará habituado, devendo "submeter-se" ao ambiente "autêntico", sob risco de se adulterar as características próprias do lugar que busca, alterando-o e por vezes travestindo-o com vestes que contribuem para a perda do valor de conjunto dos diversos elementos de valor que definem o caracter único do centro menor que visitam temporariamente.

Um outro aspecto preocupante é a tendência para um certo imobilismo na apreciação dos movimentos culturais. E se a festa como lugar de encontro de todos, locais residentes ou não e forasteiros, tem um papel fundamental no "espírito do lugar" e na ligação das gentes ao seu "berço", as actividades referidas tendem a ser repetitivas, reproduzindo o "habitual", sem que, graças ao estudo e descoberta de novos valores, venha considerada a possibilidade de continuar a inovar, sempre no âmbito do "espírito do lugar", sem reconsiderar a nova procura de "autêntico" representada pelos forasteiros temporários.

A equipa de pesquisa tem por claro que só estudando e convidando à participação das gentes locais, sem esquecer o que se passa com

outros movimentos de outros centros menores, se poderá melhorar e inovar nas actividades desenvolvidas que tenham por intenção estimular a autoestima das gentes, e que possam ser as orientadores para a construção de um modelo de conservação dos locais no seu ambiente, como únicos representantes de um valor de conjunto do existente e de um modo de vida equilibrado, sem saudosismos, contemporâneo, e que seja o guardião do principal valor do "sítio único", com as suas tradições e as suas relações humanas, os seus saberes e costumes e a sua cultura própria, material – construída e trabalhada, e imaterial – "visível" ou "invisível".

Esta publicação recolhe as primeiras conclusões do estudo realizado e reporta as acções consideradas importantes para o melhoramento da vida humana e ilustra alguns dos modos de funcionamento dos grupos de dinamização da vida nos pequenos centros da Raya Seca e do seu contributo para a resistência ao abandono e à desconsideração dos valores identificáveis.

ABANDONO E RESISTÊNCIA
NOS CENTROS MENORES DOS TERRITÓRIOS DA RAYA SECA

RUI BRAZ AFONSO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA-CEAU

ABANDONO E RESISTÊNCIA NOS CENTROS MENORES DOS TERRITÓRIOS DA RAYA SECA

RUI BRAZ AFONSO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - CEAU

Desde tempos remotos que no eixo Trancoso – Guarda – Covilhã – Fundão e no eixo Figueira de Castelo Rodrigo/ Almeida – Guarda – Celorico da Beira - Seia se assistiu à fixação de população. Desde povos Celtiberos até à romanização da península que esta fixação se consolidou, tirando partido de uma envolvente geomorfológica favorável ao povoamento.

As bordaduras montanhosas aconchegando as largas depressões por onde se espraiam o Zêzere e o Mondego numa mansidão favorável às culturas, domadas que foram as suas cheias fertilizantes, lançam nos vales uma abundância de águas das serranias que o Homem vem aproveitando, para irrigar culturas, o que mais tarde veio a ser fator determinante na localização de engenhos.

No período de consolidação do povoamento estabeleceu-se uma rede de pequenos centros em geral localizados em outeiros, que em articulação com as Villas das terras baixas, desempenharam um papel determinante na definição das estruturas territoriais. Ao elemento organizativo romano sobrepôs-se então a cultura árabe que introduziu novas técnicas de exploração dos recursos, aproveitando as boas condições que o território oferecia.

Estabeleceu-se uma cultura rural assente nos produtos tradicionais da terra, do azeite ao vinho, dos cereais às frutas. Com o aperfeiçoamento das técnicas trazidas pela cultura árabe, a fertilidade natural destas terras permitiu e estimulou o aparecimento de florescentes aglomerados urbanos onde se instalaram manufaturas e mecanismos de

apoio à cultura rural, que definiram a estrutura territorial ainda hoje identificável e deixando memórias toponímicas evidentes.

Esta cultura foi-se consolidando ao longo do tempo e como é hoje aceite, foram as dioceses na gestão dos territórios paroquiais que garantiram a transição da organização territorial que restou das diversas ocupações no tempo, contribuindo para a consolidação social e económica dos territórios raianos, como pôs em evidência Fernand Braudel. A linha fronteiriça Guarda/Idanha e a linha Ciudad Rodrigo/Coria/Plasencia, assente na gestão territorial a partir das respetivas dioceses, foram fortificadas seja do ponto de vista militar seja como territórios em que a acumulação de valores se tornava progressivamente mais estruturada e forte, seja como centros difusores de Cultura.

Com o desenvolvimento das relações de produção foram-se instalando centros produtores de bens e serviços de apoio às pessoas, consolidando alguns aglomerados como centros de atracção populacional, com as suas feiras e mercados, formando uma rede de fixação humana, que manteve o território em exploração, numa forte relação com a paisagem produtiva.

Em meados do Século passado, a simplificação dos sistemas produtivos começou a criar dificuldades em prover de condições dignas de vida as gentes do campo, conduzindo a um progressivo abandono do mundo rural. Talvez a "campanha do trigo", lançada pelo regime da ditadura salazarista, se possa associar a um primeiro passo importante de tal simplificação, reduzindo a diversidade de culturas e gerando uma proletarização progressiva dos produtores locais, agora impelidos a produzir para monetarizar e assim proverem à sua condição de vida.

A redução das áreas afectas ao cultivo intensivo resultante daquela simplificação, e a fragmentação da propriedade resultante de processos de parcelamento por transmissão hereditária, foram reduzindo o rendimento disponível no campo, situação agravada pela política de contenção de salários frente aos progressivos aumentos de preços na década de 1950, mas sobretudo sentida na década seguinte pelo "arranque da inflação em Portugal", motivado fortemente pela gestão da guerra colonial.

Os preços em espiral inflacionista, uma contenção dos salários sobretudo sentida nos campos onde a repressão foi intensa, e a dificuldade de o

Estado prover serviços básicos à população pelo continuo sorver de fundos para a guerra, gerou um abandono do mundo rural e sobretudo criou um "sentimento de desgraça" quando nele se pensa.

O fenómeno é tão fortemente preocupante quanto a diminuição da população nos centros urbanos do interior, em processo de despovoamento, é apresentada como argumento, de base fortemente economicista, para justificar a diminuição da dotação em bens e serviços, como sucede com o encerramento de centros de saúde e postos de atendimento sanitário e de distribuição de medicamentos. Também para o encerramento de escolas primárias com menos de dez alunos e de jardins de infância, e nalguns casos de centros escolares de nível médio, que acabam concentrados em centros escolares de maior dimensão, em centros urbanos de escala sub-regional, se vem utilizando o argumento de que com a diminuição do número de utentes se prejudica a condição de funcionamento, argumento suportado seja pela racionalidade económica, seja pela debilidade da massa crítica resultante daquela diminuição.

Assim se foram esvaziando os pequenos centros urbanos da Raya Seca, acabando como elementos perdidos na paisagem, sem condições de fixação de população, sobretudo sentidas pelos grupos etários mais jovens em busca de melhores vidas, maior acesso aos serviços e ao consumo, melhores expectativas de futuro. Sobram nestes centros menores alguns residentes que não se resignam, resistentes ao abandono da terra onde fizeram vida, e na grande maioria, com ligação à paisagem que lhes fornece alimentos e que com orgulho consideram ser aquela que construíram com o trabalho de gerações e de longas jornadas de sacrifícios.

É impressionante observar como nos quatro distritos/províncias da Raya Seca dos dois lados da fronteira política, na segunda metade do século XX, a população abandonou os centros menores, em busca de centros sub-regionais, sendo mais significativamente sentido este fenómeno na província de Salamanca, onde, para além dos três centros sub-regionais, restam apenas cerca de uma dúzia de centros urbanos com mais de quinhentos habitantes, tendo-se "*vaciado*" cerca de cem, em cinquenta anos. Mas também os distritos de Castelo Branco e Guarda sentiram este fenómeno, embora

de maneira menos importante, tendo vindo a verificar-se uma resistência ao abandono sobretudo nos centros que se localizam na área de influência próxima do eixo Norte-Sul, a que se chama Itinerário Principal 2 (IP2), que corre paralelo ao eixo definido pela "Via de la Plata".

Realmente a atração pela mobilidade, pela *human capital mobility* tem desempenhado um papel fundamental nas oportunidades de vida e de emprego, por exemplo, na oferta de modernidade, de prosperidade e de esperança no funcionamento do chamado elevador social. E é precisamente este fenómeno que afasta as pessoas do chamado "interior", terra de desespero, de desgraça, onde não se pode "subir na vida", pelo baixo rendimento gerado, pela baixa qualificação da mão de obra, pelas fracas condições de vida resultantes do dificultado acesso aos serviços, nomeadamente sociais, e aos bens que representam a "vida moderna" com oferta focada em centros comercias e *shopping malls* que se encontram localizados nos centros de média dimensão e nas capitais de distrito/província.

A PAISAGEM PRODUTIVA

O valor do capital natural do território em abandono e a manutenção da biodiversidade não entram nas contas dos economistas, como vem sendo posto em evidência por alguns estudiosos da disciplina ecológica. As formas de ocupação humana estabeleceram fortes laços com a paisagem fortalecendo a relação entre exploração e benefício. A vida organizou-se em torno de processos e técnicas produtivas, que permitiam obter os produtos que a terra possibilitava, criando um sistema de relações de interacção e dependência.

O modo de vida "rural" assumia assim um papel importante na sociedade, e foi-se sedimentando como parte da herança cultural que permitia transmitir os saberes ligados aos modos de uso e de produção dos instrumentos e dos alimentos, às técnicas construtivas e de cultivação, ao uso e à gestão das energias, aos modos de agir e de viver.

O que se pretende afirmar é a importância de pôr em relação a pluralidade das emergências do território como elementos de um todo moldado no tempo, com as características únicas que definem a cultura de um lugar, e da sua relação com a

paisagem produtiva de que usufrui esse lugar e que é a chave da sustentação e da resistência da "vida rural".

Uma construção rural que seja destinada à actividade agrícola, pode ser interpretada ao mesmo tempo como valor construído, como forma tradicional de ocupação do território, elemento formal adequado a um contexto ambiental, mas também como expressão das condições locais da produção agrícola.

A paisagem representa uma dimensão fundamental no reconhecimento dos valores que exprimem a cultura de uma comunidade, com os quais se identifica, e onde cada elemento é assumido como parte de um processo de interacção que permite que seja percebido como único, resultado de condições específicas, e do qual emergem os valores que permitem a resistência à sua transformação.

O que persiste é sempre o que se regenera, como diz G. Bachelard: a condição de persistência verifica-se através do reconhecimento dos "laços" que ligam o horizonte perceptivo do indivíduo à imagem que aquele processo de interacção lhe consegue transmitir, e às condições de vida ligadas aos produtos da terra e à identificação visual e anímica com a paisagem.

A atenção dada à paisagem ganha então, nestes casos, uma importância fulcral, porque dela depende a produção de subsistência, principalmente no interior dos centros menores e nas suas áreas envolventes, em contraste com o abandono do tratamento da paisagem na sua dimensão extensiva, dado o decréscimo da diversidade das actividades do sector primário.

Assim podem encontrar-se naquelas Regiões, sítios em processo de abandono que já foram centros de produção agrícola e de fixação de vida humana, e que hoje são residência de população na sua esmagadora maioria idosa, cujos descendentes emigraram, para os grandes centros, para o estrangeiro ou para os centros de importância sub-regional, em busca de melhores condições de vida para si e para a família. E estes residentes resistentes em geral cuidam a paisagem, que por ser produtiva, necessita de uma atenção continuada, sendo este um dos principais elementos de resistência ao abandono. É a paisagem com que os residentes se identificam, a que acumula longas jornadas de trabalho de toda a família

e antepassados, a que constitui o elemento de identificação das pessoas com o lugar.

A relação das formas de vida humana com a paisagem, determina o apego à terra, ao lugar, e constitui-se como elemento de orgulho pelo trabalho desenvolvido e pelos produtos agrícolas obtidos com o próprio esforço e tantas vezes em processos de entreajuda. Existem, no entanto, casos em que os sítios foram mesmo abandonados, perdidos no meio de serranias ou em áreas de baixa produtividade agrícola, ou resultado de decisões familiares ou políticas. Em geral, estes sítios estão circundados por paisagens definitivamente perdidas, em que o abandono é forte e em que a articulação do sítio com a paisagem se perdeu, e não constituem hoje mais que lugares em que a natureza venceu, e as espécies vegetais espontâneas tomaram conta do terreno.

Existem também casos de abandono em "processo de congelação", agora muito procurados por forasteiros em busca da "identidade perdida". São os casos de centros menores que se especializaram em oferta turística, sendo que em geral nestes casos os produtos oferecidos provêm de um mercado alargado, por vezes até "*made in China*", diria como Alberca, e por vezes estimulam o aparecimento de "parques temáticos" desenraizados da cultura local, como é o caso do recente novo Castelo dos Templários na província de Salamanca, e o emprego oferecido acaba sendo no sector da restauração, hotelaria e comércio.

A procura nestes casos é constituída maioritariamente por pessoas que têm um habitar nestes sítios determinado por calendários de presença específicos, de acordo com os próprios interesses, como o lazer/repouso, a recuperação da relação com o ambiente natural, a redescoberta de valores da tradição por exemplo solicitando formas especiais de estadia e de serviços, que tendem a orientar o uso dos recursos existentes à satisfação daquelas solicitações.

Acresce que por vezes aquela procura se apresenta como consumidora de elementos autóctones de maneira descontextualizada, criando dificuldades à sua regeneração e alterando as relações entre paisagem e formas de uso dos recursos, seja porque transportam em si novas capacidades de poder de compra que tendem a criar fortes contrastes com a disponibilidade financeira e cultural dos residentes, que acabam provocando mudanças que se

repercutem no equilíbrio social existente, tendendo, a prazo, a gerar paisagens perdidas.

ABANDONO E RESISTÊNCIA

No trabalho de pesquisa em curso no Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura (CEFA-UP), procurou-se identificar os elementos que possam contribuir para a caracterização da relação das formas de ocupação humana com a paisagem, os elementos que possam contribuir para a construção de um equilíbrio entre factores endógenos e seu uso, no tempo, e que contribuam para a valorização do capital natural do território e para a manutenção da biodiversidade.

Assim se conformou a ideia de estudar as formas de resistência ao abandono em centros menores na Raya Seca, e entender a relação entre modo de vida e paisagem, como elemento de consolidação dos fundamentos da resistência. A equipa de pesquisa começou a visitar sítios que mostrassem sinais de contrariedade ao "ciclo da desgraça" que se tem instalado nestes territórios, e após uma selecção, decidiu-se colocar a atenção do estudo em alguns desses centros, tendo a escolha recaído sobre aqueles em que a sua relação com a paisagem é forte e articulada ou em que elementos externos estejam a provocar um movimento contra a resignação à tendência para o abandono.

A questão da gestão dos recursos é, nestes centros, observada com atenção especial, seja pela necessidade de considerar a sua regeneração como fundamento para um desenvolvimento sustentável, seja pela consideração de que cada elemento presente, humano, construído e paisagístico, constitui o pilar central de suporte a um modo de vida equilibrado, e é condição de valor global. Quando se intensificam as formas de exploração da terra, quando se desenvolvem mecanismos de consumo de massa, quando as "liberalizações" dos regimes ditatoriais da Ibéria apelavam a que "há um novo mundo por explorar" e exaltavam a "aspiração de modernidade", o mundo rural passa de moda, e as condições de distribuição do rendimento alteram-se profundamente, beneficiando as áreas urbanas em detrimento das áreas rurais.

A alteração relativa do custo dos factores de produção, a intensidade de capital na exploração da terra e uma procura muito orientada para "novidades", fazem com que o campo e a sua

tradicional organização de vida e a relação com a paisagem produtiva, sofram um forte desafio que, em quase todos os seus lugares não pode ser respondido, provocando o desânimo e tantas vezes o abandono, para o qual concorreu fortemente, o desinvestimento da Administração na dotação de serviços, da educação à saúde.

Este desinvestimento tem vindo a criar, desde meados do século passado, um agravamento das condições de vida das gentes, situação que já se fazia sentir desde séculos anteriores como resultado das "assimetrias de crescimento" que diminuíram fortemente a capacidade competitiva dos territórios do interior nacional, perdendo condições de fixação da população e de atractividade para o investimento.

As formas de resistência ao abandono que se procuraram identificar no trabalho, partem da dinamização de pessoas e administração local em busca de formas de valorização dos sítios, em todos com base em estudos dos modos de vida e dos elementos patrimoniais, constituindo um forte suporte à elevação da autoestima dos nativos, contribuindo fortemente para a defesa da cultura local e para a sua exaltação como elemento de identidade. Provocam também uma maior atenção à importância da integração do aglomerado na paisagem e aos processos que justificam a implantação do construído no sítio, com respeito pelas condições oferecidas pela paisagem para a sua exploração como elemento da sustentação das pessoas nos sítios.

Com a intensificação das formas de exploração aparecem nestes territórios alguns elementos que acabam contribuindo para a resistência ao abandono. Passa a ser criado maior rendimento por parte do modelo da monocultura extensiva, e algum desse rendimento acaba sendo fixado em algumas áreas, resultado também de algum investimento em formas de regadio. Este processo promove um complemento de rendimento para os residentes assalariados e cria oportunidades na prestação de serviços de reparação e de comércio dos factores de produção.

Por outro lado, nas últimas décadas, uma injecção monetária relativamente significativa, quer a grandes quer a pequenos produtores agrícolas, sob a forma de subsídios à produção, foi criando nas pessoas uma esperança para resistir ao abandono. Esta distribuição de rendimento veio a consolidar

alguns mecanismos de produção abrangidos pelas chamadas "medidas agroambientais", que contribuíram para a resistência ao abandono e para a manutenção da tradicional diversidade da paisagem.

RESISTÊNCIA E RELAÇÃO COM A PAISAGEM

A equipa de trabalho partiu para uma longa visita ao campo, tentando identificar os sítios em que a paisagem apresentasse sinais de ser produtiva na envolvente dos aglomerados. Terá sido a primeira aproximação ao objecto de estudo, que permitiu uma observação das condições de vida em cada centro menor visitado. Foram visitados cerca de cem aglomerados na Beira Interior, em especial na zona da Raya Seca, definida como o território fronteiriço entre Douro e Tejo, e desde logo impressionou a equipa a existência em alguns deles, de pequenos grupos de resistência ao abandono.

A escolha recaiu em sete pequenos centros que mantendo uma relação mais ou menos intensa com a paisagem produtiva e de suporte à vida humana, foram desenvolvendo modos organizados de resistir ao abandono, por um lado através de uma conservação dos processos produtivos tradicionais, por outro dinamizando os processos de prestação de serviços básicos, por outro encontrando um elemento especial que pudesse contribuir para exaltar o sentido de pertença das gentes aos sítios, consolidando a cultura local através do estudo e valorização dos elementos patrimoniais materiais e imateriais.

A identificação desse elemento, que foi considerado especial por ter sido posto em evidência em cada um dos sítios como conglomerador de vontades e esperanças e como elemento de reposição da autoestima perdida, orientou o trabalho na sua fase inicial. Em quase todos os sítios estudados foi possível conhecer documentação que, nativos residentes ou residentes em outros sítios, elaboraram como estudo das qualidades patrimoniais do sítio e que na maioria dos casos em observação deu origem a documentos bibliográficos de características monográficas.

Como efeito destes estudos, pode verificar-se em cada sítio um maior interesse sobre os valores identificados, e sobretudo sobre o conjunto de valores representativos da cultura local. Dar sentido de conjunto articulando os elementos que

definem e caracterizam um sítio, representa para residentes e visitantes, nativos ou não, um forte estímulo ao reconhecimento da sua identidade e ao reconhecimento da importância das relações estabelecidas entre o sítio e a sua envolvente para a consolidação do seu valor, em particular quando se considera decisivo o seu nível de dependência da paisagem para a persistência do modo de vida e para a manutenção da biodiversidade.

Assim, em alguns dos sítios em observação, foi identificada uma recuperação dos processos produtivos tradicionais, fortemente ligados a uma dimensão humana de qualidade de vida, que permitiu pôr em funcionamento alguns dos instrumentos de produção em desuso, desenvolvendo modos de entre ajuda e formas de vida colectiva naqueles sítios, contrariando a resignação ao "ciclo de desgraça" que tem vindo a dominar o sentir das gentes das áreas territoriais que entraram em processo de desinvestimento por parte da Administração, com a consequente perda das condições de vida em dignidade, com dificuldades na disponibilidade de serviços, como a educação e a saúde.

A paisagem produtiva pode explicar em grande parte aqueles processos, e nos sítios em observação pode verificar-se uma grande atenção às condições oferecidas pela paisagem de forma a consolidar um modo de vida que se articula e necessita dos produtos da terra para existir. Em alguns dos sítios em observação podem até verificar-se movimentos de pessoas e administração local que pretendem dotar de serviços não existentes até então, com a criação de "brigadas de intervenção" em apoio à conservação e manutenção de infraestruturas, zonas de circulação e equipamentos, e de construção de zonas de lazer e equipamentos que não só contribuem para a melhoria das condições de vida humana e urbana, mas que também permitem uma maior visibilidade dos valores patrimoniais, materiais e imateriais do sítio, aumentando a atractividade para a fixação das gentes e o sentido de pertença ao sítio.

ATRAIR GENTE COM GENTE: ENTRE A DIVERSIDADE E A CAPACIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

DOMINGOS VAZ

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

ATRAIR GENTE COM GENTE: ENTRE A DIVERSIDADE E A CAPACIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

DOMINGOS VAZ

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
MEMBRO DO NECE-UBI E DO CICS.NOVA

1. INTRODUÇÃO: O ARGUMENTO E O PROBLEMA

A noção de "mundo rural" remete para uma dupla realidade constituída por aspetos de ordem material do espaço físico e por aspetos de ordem imaterial do espaço sociocultural. Está em discussão a disjunção absoluta e generalizável entre o rural e o agrícola e a correlativa noção de "pós-ruralidade", que se torna bastante polémica ao admitir um estádio evolutivo posterior à ruralidade. Estão em causa as dinâmicas de mudança que atravessam os espaços rurais, indissociáveis das transformações ao nível das conceções do rural e, necessariamente, do papel desempenhado nesse processo pela perspetiva dos próprios residentes locais, ou, pelo «ponto de vista nativo». Neste sentido acolhemos como virtuosa a expressão «novas ruralidades» de origem na geografia de língua francesa, que abre para a noção de espaços multifuncionais, onde as atividades de produção coexistem com as atividades de consumo e lazer, sobretudo por citadinos.

A discussão em torno da proteção oficial ao património e à comercialização, através do consumo turístico, de recursos culturais e naturais, por parte de classes médias urbanas, bem como aos impactos que tais atividades têm junto das populações residentes é aqui considerada embora esta problemática mereça um aprofundamento para

além do presente trabalho, na linha do argumento de Fortuna, pois tais recursos revelam-se "outros tantos sinais de uma longa modelação das formas de relação comprometida dos sujeitos com a cultura contemporânea" (2013: 1). Um outro tópico conexo que mobilizamos respeita a uma lógica que leva os lugares a serem concebidos para fins lúdicos logo como produtos que se pretendem "autênticos" aptos a serem comercializáveis (Baptista 2005). Nos recursos suscetíveis de serem apropriados entra a paisagem aqui entendida como articulado na Convenção Europeia da Paisagem (*Conseil de l'Europe* 2000) que estabelece que a paisagem compreende o natural e o social, o passado e o presente, o material e o imaterial, sem diferenciar o exceptional do mundano. A questão da perceção é admitida e permite associar a qualidade da paisagem à qualidade dos espaços habitados. Além de que esta dimensão subjetiva quer seja entendida na escala do indivíduo ou da comunidade que vive, usa e transforma a paisagem, ainda permite estabelecer uma relação de identidade e de responsabilidade com o sujeito.

A intermediação entre o rural e o urbano também entra nesta discussão, e aceita-se a possibilidade de verificação de diferentes significados no âmbito de uma nova relação entre as cidades e os campos, como é o caso da região da Beira Interior onde detetamos uma importante função de intermediação desempenhada pelas suas cidades médias. Daqui podemos perspetivar domínios de ação que articulam diversas formas de intermediação escalar, do local como a urbano-rural ou global, seguindo os pressupostos teórico-analíticos de "cidade intermediária" e da "transação social" (Vaz 2022; Remy 2016).

O objetivo deste texto é o de escrutinar dinâmicas socioeconómicas, culturais e lúdicas, enquanto recursos e novas oportunidades entre níveis de constrangimento externo e situações contextuais, dando centralidade à questão da identificação de práticas de resistência ao abandono e de quais são os seus protagonistas? Para o efeito foram eleitos sete pequenos centros da Beira Interior abordados no âmbito de um diálogo interdisciplinar levado a cabo pela equipa do projeto de investigação com membros do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Porto e do *Grupo di Ricerca* FIRST da Università Degli Studi "G. D'ANNUNZIO" di Chieti e Pescara, numa cooperação que já anteriormente se desenvolveu noutros projetos comuns de pesquisa, cujos

resultados foram oportunamente publicados. O trabalho assumiu uma natureza de características assumidamente impressivas e foi muito gratificante ao ter permitido uma experiência conjunta entre as ciências sociais, a arquitetura e o urbanismo.

O material empírico recolhido baseou-se, fundamentalmente, na realização de entrevistas a atores privilegiados da Administração e da sociedade civil e na concretização de uma etnografia "multissituada" (Marcus 1995), através da problematização e caracterização de sete estudos de caso que correspondem a outros tantos pequenos centros, vilas e aldeias, da Beira Interior de Portugal.

2. NOVAS SOLUÇÕES PARA DINAMIZAR E REVITALIZAR ALDEIAS RURAIS

2.1 FOMENTO DA ATRATIVIDADE EM TERRAS DE RIBA-CÔA

Muito por causa da sua posição estratégica o avanço da linha de fronteira para Este do Rio Côa só será estabilizado em 1297 com a assinatura do tratado de Alcanizes durante o reinado de D. Dinis. Esta alteração do limite fronteiriço entre o reino de Portugal e o reino de Leão e Castela irá influenciar o desenvolvimento futuro do território de Riba-Côa que passa a ganhar uma maior importância estratégica em detrimento de outras localidades e Castelos situados na margem esquerda do rio Côa. Séculos mais tarde novas movimentações militares no âmbito da Guerra Peninsular (1807-1814) tornam este território palco de lutas entre as tropas luso-inglesas e as tropas francesas de Napoleão que o pretendem atravessar. Estas referências históricas fazem sentido, primeiro enquanto elemento que atrai grupos de festejo militar na Freineda, por aí Wellington ter instalado o seu quartel-general, segundo pela consolidação de Vilar Maior como ponto defensivo das terras de Riba-Côa, que em 2022 celebrou, com a organização de oficinas de artes e ofícios locais, os 725 anos do Foral de D. Dinis. Estes são dois pequenos centros com elementos peculiares que levaram à sua seleção pela equipa deste projeto tendo em conta a metodologia seguida.

ENTRE A INEVITABILIDADE E A CAPACIDADE DE INTERVENÇÃO EM FREINEDA

Na aldeia da Freineda a vida quotidiana organiza-se muito ligada à paisagem produtiva na sua envolvente (com exceção das encostas do rio Côa a Oeste onde o coberto vegetal é de origem essencialmente natural), com o proveito de ser bastante rica em água, sendo significativo o número de explorações agrícolas a que se acede através dos muitos caminhos rurais que foram recentemente objeto de intervenção e envolvem quase toda a aldeia numa espécie de circular rural. Na Freineda o *habitat* urbano assumiu características estendidas em contraste com a morfologia medieval de ruas estreitas presente em outros aglomerados deste projeto.

À Freineda será reservado um importante papel durante as invasões napoleónicas, pois aí residiu e se localizou o quartel-general de Wellington (Arthur Wellesley, duque de) numa Casa Solarenga do século XVIII, o Solar dos Morgados da Freineda, ainda existente e erguida em frente á igreja matriz. Com intuito de a visitar, a Casa tem atraído grupos de ingleses e de irlandeses (Wellington era de origem irlandesa), apresentando um potencial de atratividade para grupos de festejo militar se ultrapassado o grau de improviso de hoje em comunicação e organização. Mas o significativo incremento socioeconómico desta aldeia não deixará de estar associado, a partir de fins do século XIX, ao aparecimento do Caminho-de-Ferro e à criação de Freineda-Gare, a cerca de 2 km, onde são visíveis em número e dimensão os armazéns de suporte logístico. Ali se instalou uma fábrica de moagem e ali afluía um corrupio de carros de bois carregados de cereais quer à fábrica quer para exportar na estação. Este "*boom*" prolongar-se-á pela primeira metade do século XX.

No espaço intermédio entre Freineda e Freineda-Gare localiza-se o Santuário de Santa Eufémia, enquanto lugar simbólico, com os alpendres de feira objeto de requalificação recente e onde se realiza a festividade com o mesmo nome de notoriedade. Neste domínio das festividades e a partir de uma visão que procura manter o sentido comunitário com os naturais que as circunstâncias da vida os levaram a emigrar decidiu a Freguesia organizar a Feira dos Emigrantes no mês de Agosto para dar oportunidade aos emigrantes de participarem.

Na Freineda pretendemos relevar ação inicial de um ator individual que veio de fora e que começa por ativar uma antiga Associação Cultural e alguns anos depois se torna o Presidente da Freguesia. Sublinhamos o facto de este protagonista não ter nascido nem crescido na aldeia, (embora a ela o ligassem laços de tradição familiar), e que após a sua qualificação escolar se "mete no comboio em Santa Apolónia" e viaja para Freineda onde se fixa. Posteriormente num trabalho de conjugação de esforços e recursos compartilhados com as freguesias vizinhas, agregadas na Associação de Freguesias da Raia e do Côa, foi aumentada a escala de intervenção permitindo, com os equipamentos e funcionários reunidos, uma capacidade de intervenção "na hora" desde a pequena intervenção da infraestrutura até à requalificação do espaço público, como a reversão de reparações próprias dos anos da "febre dos cimentos", à revalorização da praça como lugar urbano central dela retirando o estacionamento, aos caminhos de articulação com os campos, criando melhores condições para a vida rural e para a promoção do sentido de orgulho e de pertença à comunidade.

Esta capacidade de intervenção merece ser destacada pois muito deve a um protagonista não nativo, embora com anteriores ligações locais, e que desenvolve uma ação catalisadora na reunião de um grupo de pessoas, criando as condições para prestar um serviço de "atendimento" aos residentes, primeiro na aldeia e depois num âmbito territorial mais alargado, e assim responder às dificuldades de funcionamento da vida coletiva. De modo mais eficiente, utilizando mão-de-obra e materiais locais, assim gastando muito menos dinheiro – ou seja, com "pouco fazer muito, fazer muito mais," como referido pelo entrevistado.

VIDA URBANA EM AMBIENTE RURAL EM VILAR MAIOR

A aproximação ao *genius loci* de Vilar Maior, essa atmosfera que a singulariza, na morfologia do edificado como no relato da sua transformação social, parece configurar a ideia de um modo de vida formatado em valores urbanos e que encontra expressão no ambiente rural do aglomerado, e em que intervêm elementos tanto tangíveis como intangíveis, uns como os outros condição da sua identidade e atratividade. Estas muito devem à história entendida como "dispositivo de auxílio ao entendimento do tempo presente e de projeção de futuros dos ambientes urbanos" como defende

Fortuna (2022: 3), assente em alguns edifícios que "permanecem no seu lugar ainda que fora já do seu tempo social" como são as notáveis habitações Senhoriais (ligadas à atividade agrícola), aos percursos que permitem a leitura das várias "coroas" de crescimento urbano, desde a colina do Castelo, objeto de intervenção recente, passando a cerca medieval sobre a qual se apoia a antiga Câmara, até às margens do rio Cesarão, suplantado por uma ponte de origem romana.

A nótula histórica desta vila evidencia alguns ciclos de mudança que lhe conferiram estatuto e declínio, o que atualizando uma ideia intrínseca à vida dos aglomerados humanos, não exclui iniciativas de regeneração nos tempos de hoje. Conhecem-se os limites do seu termo por carta do rei Afonso IX, de Leão, em 1215, tendo sido conquistada por D. Dinis e com a assinatura do Tratado de Alcanizes integrado o reino de Portugal. Foi sede de um extenso município entre 1227 e 1855, e ao longo dos séculos vários reis se interessaram pelo estado da fortificação, por ser um lugar estrategicamente situado. Já no período contemporâneo registou, como nos diz um ativista da Associação Cultural, "uma fase de exploração de minério, que foi muito importante – de volfrâmio; em que as pessoas sentiram um grande desafogo. Os filões eram, sobretudo, na margem direita do Cesarão, no planalto das Moitas, na área a descer do Côa para o Cesarão". Continua "as famílias tinham um ordenado assegurado, os 'jornais' como se lhes chamava, e à noite, após o trabalho nas minas, faziam contrabando do minério para Espanha, acabando por ganhar mais à noite do que durante o dia. Houve uma 'euforia', portanto, as pessoas pensavam que estavam ricas... Havia uma separadora, era lá que separavam o minério, nomeadamente do titânio"; quando a exploração deixou de existir, as pessoas voltaram à atividade (agrícola) tradicional, que nunca tinham deixado completamente, mas era demasiada gente para se sustentar para a terra existente na aldeia". Por volta de meados do século passado caiu a procura do minério e pouco depois inicia-se o ciclo da emigração, sobretudo para França, "foi quase um êxodo total", afirma o nosso entrevistado. Mas nessa altura o grande problema era ter terras, sendo " as grandes culturas o centeio, a vinha e, na parte do regadio, sobretudo a cultura da batata. Todas as terras que tivessem hipótese de ser exploradas, eram – as restantes ficavam com a pastorícia, sobretudo ovelhas e cabras, as vacas eram só para trabalho". Outra cultura antiga de grande importância foi a do

linho, uma atividade, principalmente das mulheres, "depois da sementeira e da colheita, era entregue às mulheres e elas é que transformavam". Em relação ao contrabando, enquanto atividade de enorme significado nestas terras raianas, ele terá fomentado formas de sociabilidade e linguísticas, configurando um fenómeno social "total" em contexto transfronteiriço de intensas relações de base socioeconómica, e que a abertura de fronteiras terá afrouxado (Marques, 1997).

As práticas de resistência ao abandono em Vilar Maior têm sido protagonizadas por um grupo de pessoas organizadas em Associação Cultural e com o apoio da Junta de Freguesia e da Câmara do Sabugal. Cabe referir um conjunto de intervenções que trabalham o sentido de comunidade como expressão identitária que objetiva o sentimento de pertença dos nativos, muitos deles ausentes-presentes, e que, ao mesmo tempo, se articulam com a projeção externa, de abertura tanto espacial (local-global) como de diálogo temporal (passado-presente). São dignas de nota a adaptação do antigo edifício da Câmara para conservação e exposição de artefactos e técnicas associadas ao modo de vida tradicional dos autóctones, dando uma "segunda vida" aos objetos no Museu, como outras intervenções no ambiente-físico que podem ser lidas em termos de revitalização e autenticidade de Vilar Maior. Como destacamos as intervenções no espaço público, nos largos de convívio e festa, pequenas intervenções que vão da sinalética, a pavimentações e restauro de habitações, às obras de refuncionalização da escola para oferta de alojamento local a visitantes, além daquelas em edifícios monumentais como o Castelo, contribuindo todas estas intervenções para a melhoria e elevação da autoestima local ao dar sentido ao seu próprio lugar no mundo contemporâneo.

Também entra neste universo, físico mas também simbólico, assente sobretudo nos eixos da cultura e do património, o significado atribuído às ruínas que em Vilar Maior reconduzem muito à antiga e encimada Igreja de Nossa Senhora do Castelo desmontada em parte para outras edificações, vista como repositório de outros momentos históricos que estimulam a construção imaginada do presente, como sugere Fortuna (2013) a propósito das ruínas das cidades históricas. Temos, assim, diversas iniciativas práticas todas elas contribuindo para aumentar a atratividade para naturais residentes fora e para forasteiros que a demandam, exaltando

o modo de vida que tem expressão no ambiente rural de Vilar Maior.

2.2 CARIA, UM PEQUENO CENTRO "QUASE" EQUILIBRADO

A Vila de Caria apresenta uma caracterização multifuncional de referência regional para o que concorre um conjunto de funções que se complementam entre si. Isto é a multifuncionalidade agrega de forma que podemos considerar virtuosa os recursos endógenos, agrícolas e socioculturais, e os recursos ligados mais a uma visão de atratividade externa, como seja o turismo rural. Estas duas dimensões apresentam-se de forma equilibrada e isso é muito importante para a vitalidade deste pequeno centro. É essa coexistência de recursos díspares que sustenta a atividade económica de que a presença de um balcão bancário é indicador, tanto ao nível da produção agrícola, de importância regional, com expressão significativa no comércio e serviços de apoio à atividade agrícola, como ao nível da prestação de serviços à comunidade e às pessoas. Hoje que se discute o "retorno" à agricultura em termos globais, da importância que se reconhece à questão da soberania alimentar, a persistência da atividade agrícola em Caria é muito relevante neste contexto, a par da sua revalorização social de que é expressão a promoção e mostra dos valores da tradição agrícola nos largos urbanos do aglomerado.

As condições de vivência do espaço urbano têm sido melhoradas, cuidando o desenho de arruamentos e largos, em geral enriquecidos com elementos arbóreos que qualificam o espaço e estimulam as relações de proximidade e o fluir das sociabilidades. Assim renovando o sentido de pertença à comunidade, fortalecido com os fatores de identidade associados à recriação de espaços museológicos e etnográficos. Destacamos a interessante intervenção do Museu da Casa da Torre, que é ponto de referência visual, e que foi residência do Bispo da diocese egitaniense com sede na Guarda nos séculos XIII e XIV (Borges 2007) de abertura recente com exposição de objetos arqueológicos abrangendo diversas épocas cronológicas. A Casa Etnográfica, fruto da iniciativa de protagonistas individuais, dá uma "segunda vida" a objetos de antigas profissões, numa casa que recria uma habitação beirã de meados do século XX; enquanto a Casa da Roda de meados do século XVIII mostra a temática destas casas, e objetos judaicos, e o local onde na calada da noite

eram depositadas as crianças enjeitadas. O percurso pela malha medieval de Caria, entrecortado por intersecções e largos, revela-nos uma diversidade rica de elementos históricos que vão das Casas Senhoriais (Condes de Caria, Pessanha, Viscondes de Tinalhas) referenciadas à atividade agrícola, a casa da antiga Câmara, ou a casa das "caras", com gárgulas antropomórficas, ou as marcas s que nos remetem para a forte presença judaica na Vila. De salientar o sistema de fontes que delimitam o perímetro urbano nos caminhos que levam às áreas de regadio da paisagem produtiva circundante.

A resistência ao abandono em Caria muito deve ao seu ambiente urbano qualificado de que cuidam as suas gentes com o apoio institucional do Município de Belmonte por intermediação da Junta de Freguesia, como à sua organização em função da atividade na área envolvente de vastos terrenos agrícolas férteis. Mas o caso de Caria também nos permite avançar na importância das suas relações de proximidade com os centros urbanos da região, em particular com a sede concelhia, Belmonte, e as cidades da Covilhã e da Guarda, acedidas por caminho-de-ferro.

2.3 APROPRIAÇÃO IMAGINATIVA OU SENTIMENTAL

A RESISTÊNCIA AO ABANDONO EM SOBRAL DE SÃO MIGUEL

A aproximação à aldeia de Sobral de São Miguel revela-nos uma imagem que combina fatores naturais e humanos e que se articula muito com as inovações contidas na definição de paisagem avançada pela referida Convenção Europeia da Paisagem. A aldeia de Sobral de São Miguel apresenta-nos uma unidade formal do edificado numa forte relação com a paisagem, numa simbiose com os socalcos agrícolas na sua envolvente imediata, onde outrora como hoje, continua a cultivar-se as pequenas produções de suporte à vida quotidiana. Na linha daquela conceptualização importa considerar que não podemos observar os diferentes elementos isoladamente ou cumulativamente mas sim como um quadro de relações que sustenta o seu carácter, de modo distintivo. Na mesma asserção, intervir a partir daquela conceptualização significa tomar conhecimento dos valores específicos de uma comunidade e do território que ela habita, sendo fundamental refletir a perspetiva que privilegia

os agentes intervenientes, no adensamento das suas relações, marcadas por comportamentos de copresença ou não, e da capacidade de gestão de fluxos, que têm múltiplas naturezas e que podem gerar valor.

Na abordagem a Sobral de São Miguel "de perto e de dentro", fomos apurando as formas de intervenção e as dinâmicas associadas ao uso e à apropriação dos espaços locais que revelam relações e interações com significado para a nossa abordagem. Deste modo, temos de um lado, o papel dos protagonistas, as práticas que desenvolvem e, de outro, o contexto territorial em que essas práticas se desenvolvem, entendido não como mero cenário mas como parte constitutiva da análise, seguindo a formulação de Magnani (2002). No seguimento interessava-nos saber a razão pela qual a conjugação de vários projetos de intervenção, com a incorporação de agentes diversos, tem conduzido a um Sobral de São Miguel que resiste à degradação, à descaracterização. O que leva as pessoas a expressarem um forte sentimento de pertença à aldeia, criando vínculos e materializando ações sobre o espaço físico? Quando não seria despiciendo os vários agentes com as suas práticas introduzissem outros pontos de vista sobre a dinâmica da aldeia, como o olhar "competente" que decide o que é certo e o que é errado, para além da perspetiva e interesse de "poderes" que não raro decidem o que é conveniente e lucrativo?

A cultura e a tradição histórica da aldeia de Sobral de São Miguel, no espaço e no tempo, foi amplamente estudada pelo historiador Santos Pereira no seu recente ensaio monográfico (2020), e ficamos mais habilitados para entender a sua constituição comunitária, em particular interpretar a questão do espaço local na ótica das redes de interação que estabelece estruturando vínculos sociais, sendo também indutor de dinâmicas que ocorrem no seu âmbito. Nesta aldeia parece muito evidente que o espaço ocupa um papel ativo na comunidade ao possibilitar a comunicação, as trocas sociais, ancorando representações e detendo a capacidade de poder constituir-se como a base de uma identidade social e de um projeto coletivo (Rémy 2016). Diz-nos uma entrevistada "sou uma amante desta aldeia. Sou mesmo sobralense, natural desta freguesia e ao crescer aqui percebi que alguém tinha de ficar", testemunhando o sentimento de pertença, e que a partir da ação dos agentes, refira-se que a entrevistada é também presidente da

Freguesia, o espaço se torna um local de vivências e é assim produzido e apropriado, tomando significados relevantes para a comunidade. Deste modo surgem os equipamentos sociais como o Parque Polidesportivo e o Parque Infantil, a "Casa-Museu João dos Santos", a requalificação dos dois fornos comunitários, que já precisem de nova requalificação, porque têm muito uso, "ainda se faz muito pão e broa, de milho branco, broa branca, pão de centeio", o arranjo das levadas, e a vontade de também requalificar os moinhos ao longo da ribeira… e surgem os socalcos contíguos cultivados onde se vê pessoas com as cabras ou com a vaca leiteira, alguém a trabalhar no cultivo, e ainda a simbólica eira comunitária junto à requalificada piscina natural como espaço de lazer que aproveita as águas de montanha trazidas pela ribeira.

Destacamos a reorientação dos investimentos, entre outros, como os oriundos da condição de pertença de Sobral de São Miguel à rede de "Aldeias do Xisto", em espaços com forte ligação à identidade local, entre eles a revitalização dos fornos comunitários que somam à sua função tradicional de "cozer o pão" o de acolherem atividades de sensibilização junto de escolas, as pequenas intervenções no espaço público como de manutenção e requalificação de muros e das escadarias em xisto para vencer as diferenças de cota no interior do aglomerado e para acesso aos leirões dispostos em socalcos ou a intenção de recuperar um edifício para conectividade o "Centro de Apoio aos Fornos Comunitários", enquanto espaço "multiusos" para alojar *workshops* e outras atividades de apoio comunitário. Mas em que, igualmente, inserimos a discussão aberta pelo protagonismo da Presidente da Freguesia em torno do projeto de musealização da aldeia, respeitando ao lugar de Sobral de São Miguel na história e de como reclama leituras sobre a sua relação com a contemporaneidade.

A promoção da atratividade local passa também pela instalação do *wi-fi* na aldeia como forma de responder a necessidades acuais e também para permitir alojar pessoas em habitações recuperadas que trabalham de forma remota. Uma ideia que se articula com o projeto imobiliário "Bolsa Imobiliária das Aldeias do Xisto" animado pela rede das Aldeias do Xisto que a aldeia integra, com potencial para receber "nómadas digitais" que procuram aldeias enquadradas na natureza e com boas telecomunicações. Estamos perante profissionais que preferem "arrendar a comprar",

com estadias de curta duração mas que podem evoluir para média e longa duração como aconteceu em contexto pandémico.

Aprender a trabalhar com os nativos é outra forma que não tem sido descurada. Neste sentido cabe referenciar as ações de formação no ensino "na construção como na manutenção dos muros de contenção dos socalcos" através de ações do Centro de Emprego ao mobilizarem dois empreiteiros locais que empregam "gente nova" apta a aprender aquelas práticas tradicionais. A presidente da Freguesia refere ainda a organização de "oficinas e *workshops* em que ensinamos às crianças como fazer essas coisas, motivamos a manter a tradição", em que se incluem as "muitas mulheres a saber fazer as paredes, para além de manterem outras tradições, como a do pão, da broa, das filhoses"... Há no dizer da nossa entrevistada "uma certa passagem de testemunho" geracional, configurando o "Sobral como uma aldeia viva", e acrescenta "há até crianças que vivem aqui e participam na agricultura ou vão buscar o mel! Eu acho que o Sobral vai perdurar muito tempo!". Em Sobral de São Miguel a resistência ao abandono assenta muito na ideia de conjunto "integral" de um modo de vida em comum ancorado numa simbiose da aldeia com a paisagem e que é promovido por um grupo de pessoas com o apoio da Junta de Freguesia. A paisagem produtiva recebe a interferência das atividades humanas e sendo moldada a partir delas não só se reinventa as memórias da tradição histórica e se exalta a cultura local como se fomenta a capacidade de imaginar os futuros possíveis.

A PRESENÇA DOS AUSENTES NA BEMPOSTA

A experiência da aldeia da Bemposta, do município de Penamacor, revela-se muito interessante por diversas razões. Na nossa "aproximação" impressionista à aldeia apuramos da unidade formal do edificado, que se organiza numa organicidade entre as ruínas do Castelo e o sítio do Calvário, onde as intervenções se apreendem pela discrição, ou seja, parece que "não houve uma intervenção, mas houve uma intervenção", como reconhece o urbanista coordenador deste projeto. Desde o cuidado no tratamento das fachadas, da tipicidade dos balcões beirões, aos pavimentos, à Capela do Espírito Santo, ao Núcleo Museológico que mostra as "Estelas da Bemposta".

Numa ótica em que sobressai a ideia de diversidade e a diversidade cria inovação, cria valor.

No nosso escrutínio prospetivo identificamos o protagonismo muito significativo de uma organização não-governamental no acionamento de iniciativas ao nível do desenvolvimento local. Uma Associação de Desenvolvimento que estando "adormecida" durante anos foi reanimada por algumas pessoas, um número restrito de pessoas que mobilizou outras mais jovens, mas com a característica peculiar destas pessoas, na sua maioria, viverem fora da Bemposta. Mas que mantêm laços estreitos com a aldeia, de que é testemunho a publicação por uma das animadoras da Associação de uma monografia (Ana Correia 2004), e sobressai a ideia de diversidade e a diversidade cria inovação, cria valor.

A Associação desenvolveu relações com outros protagonistas relevantes, como um antigo Presidente da Freguesia, que é também um empresário local, criando as bases para estabelecer acordos com o Presidente do Município e a Vereadora da Cultura. Um outro traço com significado parece ser o de a Associação ter demonstrado neste trabalho em rede uma relação de coexistência benéfica ou mesmo alguma autonomia com a autarquia, o que vem contribuir para a reavaliação da ideia muito comum de que estas organizações funcionam amiúde como extensão instrumental do poder institucional.

No plano das principais concretizações assinalamos as intervenções no domínio da requalificação do espaço público e do edificado, e na área da cultura a transformação de uma Capela em Museu, numa endogeneização cultural em que também se inserem as festividades culturais, como a "Festa do Foral", com o intuito de reavivar a identidade cultural da aldeia, muito concorrida por naturais ausentes, que vieram de Lisboa de camioneta a convite da Associação. Com efeito ampliado no orgulho dos aldeões na sua "terra", como nos relata uma animadora cultural da Associação, acrescentando que se motivaram para mostrar os locais mais interessantes a visitantes. Este "apego à terra" foi evidenciado e tem sido estimulado, igualmente, com as marcas s, às já muitas descobertas mais as que se vão descobrindo e que vão sendo inventariadas pela Associação que também teve a iniciativa de levar à aldeia os arqueólogos para fazerem uma prospeção a todo o aglomerado, a que se seguiram escavações, com a grande interação acontecida com

a população local.
Na Bemposta a capacidade de transformação está muito associada a protagonistas locais ou não, da sociedade civil e empresariais. Algumas destas pessoas, pessoas que inovam, vivem fora mas viveram em algum momento da sua vida na aldeia. Esta presença dos ausentes alarga-se a um número significativo de naturais que vivem fora, e localmente evidencia-se ainda alguma tradição comunitária no sentido em que se desenvolvem iniciativas para resolver problemas.

2.4 MARCAS DO PASSADO, CAMINHOS DO FUTURO

DA LUDIFICAÇÃO DE JANEIRO DE CIMA...

Na aldeia de Janeiro de Cima temos um claro processo que poderemos nomear de ludificação do território que corresponde a dinâmicas nos usos do espaço humanizado que ampliam e diversificam a lógica de apropriação por parte de camadas crescentes de populações, maioritariamente urbanas. O surgimento deste tipo de territórios está associado á emergência de um "modo de vida lúdico" nas sociedades ocidentalizadas acerca da industrialização do uso dos tempos livres, como conceptualizado por Baptista (2005). Temos uma dupla lógica, de criação de oferta territorial associada aos usos lúdicos do território e de procura desses mesmos bens e usos por parte de populações em mobilidade crescente, bem para lá dos grandes centros urbano-metropolitanos. Para esta tendência concorre a produção de representações, por parte de frações de populações urbanas, do espaço rural percecionado como espaço lúdico, em sentido lato, de onde não está ausente uma certa mitificação do "rural", em contraponto com as características "nocivas" que apontam à vida urbano-metropolitana. O que há de mito neste tipo de motivação é sobretudo o efeito de uma narrativa embelezadora das virtudes da vida nos campos de outros tempos, o que é ampliado pelas práticas de certos protagonistas interessados na requalificação das imagens de ancestralidade.

Quais são as principais características deste processo na aldeia de Janeiro de Cima? E quais os seus protagonistas?

A dinâmica local de procura do incremento da atratividade territorial é consequência de uma simbiose, diria virtuosa, entre um líder autárquico forte e um conjunto de protagonistas locais que

convergem para desenvolver um trabalho em comum. Importa lembrar o papel dos autarcas (Presidentes do Município e da Junta de Freguesia), naturalmente, sempre ciosos de impulsionar causas locais de estímulo ao investimento nos seus territórios, no fomento de uma visão em paralelo com o contributo da Associação, num ato de "adubar a terra", como referiu uma entrevistada.

Ao nível da concretização existiu a ambição de fomentar uma marca, as "Aldeias do Xisto," a partir de uma síntese trabalhada da identidade local com a perspetiva do "modo de vida lúdico", enquanto trampolim para a busca de investidores e de visitantes. Após uma primeira fase de identificação da população com a visão em torno das "Aldeias do Xisto", com a criação de um "Plano de Aldeia", foi fundada em 2007, a Associação ADXTUR (Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto), levando a cabo o trabalho de infraestruturação e melhoria do espaço público, com destaque para a requalificação do edifício público etno-cultural, a Casa das Tecedeiras, alavanca emblemática do processo, recriando um centro interpretativo do ciclo do linho e de mostra e tecelagem ao vivo. A que se seguiram outras políticas baseadas numa articulação público-privada, e investimentos, em particular na área do turismo rural (hotelaria e restauração), enquanto estratégia para classificar os modos de intervenção previamente planeados para efeitos lúdicos. Cabe referir, por exemplo, a reinvenção de uma tradição transformada em festa que perpetua a figura do barqueiro, que outrora assegurou a travessia do rio nas atividades quotidianas, e que consiste na recriação anual da prova de Barcas tradicionais no Parque Fluvial da Lavandeira no rio Zêzere, intimamente ligada ao imaginário coletivo desta aldeia do xisto. "Fui criado à beira do rio e participo sempre com muita alegria" diz-nos um participante assíduo. A requalificação de um edifício para espaço museológico dedicado à relação com o Zêzere, a Casa do Barqueiro, contará com uma Barca em tamanho real e fortalecerá esta temática, e a simulação sonora da tradicional chamada pública – "ó da barca" – com o som do rio numa noite de inverno estimulará a experiência sensitiva do visitante.

Com esta transformação acrítica os protagonistas locais e dirigentes municipais encetam políticas de tematização da especificidade cultural, da "tradição" da aldeia, e anuncia-se um novo modelo social e económico territorial de alcance

supramunicipal, gerido pela ADXTUR (Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto), numa governância entre municípios e entidades privadas, visando a promoção turística em conjugação com a dinamização da cultura, das artes e dos ofícios tradicionais, característicos das aldeias que integram a Rede das Aldeias de Xisto. Trata-se de um discurso que se enquadra em lógicas globais de rentabilização dos patrimónios culturais, de museificação, de roteirização, no fundo, de promoção do lúdico com fins turísticos.

…À VALORIZAÇÃO CULTURAL EM IDANHA-A-VELHA

A aldeia de Idanha-a-Velha tem um passado monumental que tem possibilitado a construção de uma narrativa com enorme potencial para atrair muitos visitantes. A recuperação e a preservação de património dependem de um conjunto diversificado de atores, da "noção de património" em cada época e dos recursos disponibilizados. Quando reconstruimos o processo em Idanha-a-Velha encontramos um protagonista central na figura do Presidente do Município que foi decisivo para delinear as estratégias de reanimação a partir dos anos de 1980, capazes de recolherem os fundos europeus requeridos para financiar as intervenções infraestruturais e de reedificação patrimonial, tendo seguidamente Idanha-a-Velha integrado o Programa das Aldeias Históricas, criado na segunda metade da década de 1990. Com incumbência a profissionais consagrados da arquitetura e da arqueologia os trabalhos levantaram as muitas "ruínas" de toda uma aldeia criando as condições para projetar a importância cultural e histórica de Idanha-a-Velha e aumentar a autoestima dos cerca de cinquenta habitantes que convivem com as ruínas de um passado grandioso.

A par da construção desta narrativa de cunho patrimonialista tendente a assegurar a atratividade local, torna-se percetível a bem sucedida estratégia de internacionalização, de criação do Festival "Música fora do lugar", um evento internacional de músicas antigas incluído na participação da Vila de Idanha-a-Nova na Rede de Cidades Criativas da Música/UNESCO; descentralizando para o Interior um festival de música que vai edificando a sua identidade em terras idanhenses – já na sua 11ª edição em 2022. Os concertos de abertura e de fecho do Festival têm sempre por palco a antiga Sé Catedral de Idanha-a-Velha, distribuindo-se os restantes concertos por lugares icónicos das

diversas aldeias do Município. A programação do Festival integra outras iniciativas culturais como Exposições, Conferências, *Workshops* ou, como ocorreu este ano, uma mostra de curtas-metragens do CineEco - Festival Internacional de Cinema Ambiental da Serra da Estrela na "Casa Marrocos", o notável edifício Senhorial de Idanha-a-Velha. Nesta lógica de valorização da dimensão cultural como forma de promoção de atratividade dos territórios se insere, igualmente, a persistente mitificação do passado romano também na componente culinária com a recriação das receitas do gastrónomo romano Apício, na cozinha com ingredientes endógenos do pequeno restaurante local.

Refira-se que o aglomerado se encontrava já muito abandonado quando e graças às investigações de Leite de Vasconcelos e à investigação arqueológica iniciada por Francisco Proença Tavares Júnior se deu a "redescoberta" do passado romano e medieval de Idanha. Mais tarde as escavações dos arqueólogos de Fernando de Almeida e Veiga Ferreira a partir de 1955 revelaram o importante conjunto arqueológico e arquitetónico que foi considerado Monumento Nacional em 1997. Idanha-a-Velha, "nobilíssima e brilhante cidade", "uma das mais vastas, nobres e opulentas cidades da Lusitânia", nas palavras de Pinho Leal (1873/1890), foi sedimentando História camada após camada, que juntou aos romanos os suevos e os visigodos, que a habitaram quando a urbe foi sede do bispado da Egitânia nos séculos IV a VI (a sede do bispado foi transferida para a Guarda em finais do século XII), os muçulmanos que a conquistaram no século VIII e, depois, os Templários, que a receberam como doação de D. Afonso Henriques após a formação do reino de Portugal. As escavações mais recentes conduziram à redescoberta da porta Sul da antiga cidade romana que abria para o eixo que levava à cidade de Mérida, em Espanha, então capital da Lusitânia, ou do Fórum – cujas fundações principais ainda são visíveis na base da Torre Templária, construída séculos mais tarde – a pouca distância da igreja de Santa Maria, a antiga Catedral, também ela guardiã de uma história que se sobrepõe em camadas de origens diversas. As inscrições nas pedras introduzem o visitante na linguagem da epigrafia, um vasto acervo de cerca de 300 inscrições, mais de 80 delas disponibilizadas para vistas no recém-criado Arquivo Epigráfico.

Temos assim que a centralidade não é produzida apenas pelos territórios mais urbanizados, o exemplo de Idanha-a-Velha é emblemático a este respeito, e a sua projeção também passa pela inserção em redes globais, em paralelo com a sua redescoberta através da investigação arqueológica (apoiada pelo Município de Idanha-a-Nova e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia) que vai permitindo aceder à História desta aldeia que foi cidade durante 1000 anos.

3. CONCLUSÃO: RESISTE MELHOR QUEM TEM RELAÇÃO COM A PAISAGEM TRANSFORMADA

Ao contrário do discurso pós-moderno e pós-agrícola do mundo rural consideramos ser muito significativo sublinhar a ideia da sua multifuncionalidade, vista num duplo sentido: de coexistência da valorização dos recursos endógenos com a atração de investimento externo. O nosso argumento baseia-se na persistência, em alguns dos casos de estudo, da articulação entre a vida humana e a paisagem, com a verificação de práticas agrícolas produtivas, sendo que a pequena escala não lhes diminui o significado. Por outro lado, a questão agrícola está a ser resignificada, muito por causa dos riscos societais atuais (dos sanitários aos ambientais e geopolíticos) e dados os problemas daí decorrentes. Também a questão da multifuncionalidade deve implicar, não apenas a existência de várias funções mas, sobretudo, a ideia de que essas várias funções se devem complementar entre si de forma sinérgica. Em situações que podemos referenciar como melhor resistindo ao abandono sai robustecida a ideia de um entendimento da multifuncionalidade que integra a componente endógena e a componente exógena. Nelas é a coexistência da atividade agrícola, mais a atividade do turismo rural, mais a atividade das festividades culturais, que se torna fonte de vitalidade e de ganhos reais para as populações locais. Evidentemente, que um discurso muito autocentrado que valorize somente a visão da competitividade e atratividade externa que ignore as pessoas que vivem nos lugares pode tornar-se pernicioso.

Situações contextuais há em que se contruiu uma nova imagem para os antigos lugares, através de ícones e marcas onde se fundem de modo ambivalente e algo paradoxal patrimónios e identidades, tematizadas em "autenticidades" rurais para usufruto urbano. Neste caso as aldeias são

transformadas em "aldeias históricas" ou lugares turísticos, eles próprios uma produção social para fins lúdicos de sujeitos à procura de dar sentido ao seu próprio lugar no mundo contemporâneo, tirando partido da paisagem envolvente resignificada como património ambiental. Todavia, podendo, como na antiga e monumental urbe de Idanha-a-Velha, transformar-se numa centralidade capaz de concorrer com os grandes centros urbanos através de uma estratégia de valorização cultural.

De realçar que nas regiões subdesenvolvidas e num contexto de rarefação demográfica, na reanimação da vida humana nestes pequenos centros o protagonismo dos atores individuais conta muito, para além das práticas de outros atores públicos ou privados, consoante as situações contextuais. Pensamos em práticas de inovação e no perfil de determinadas pessoas, algumas com origem fora da região e que aqui se fixam e, em outras, que sendo naturais a ela regressaram ou que tendo saído mantêm elos, o apego "à terra", que se traduz ora na criação ora na reanimação de Associações Culturais que contribuem enormemente para o renovar do orgulho e do sentido de pertença às comunidades; prosseguindo numa relação de cooperação benéfica com os poderes administrativos, revelando, por vezes, até alguma autonomia com as Autarquias. O que se explicará pelo acesso destes protagonistas a redes e a contactos que são privilegiados, no fundo a outros conhecimentos, e que as autarquias muitas vezes não têm mas que precisam deles. Sendo interessante a discussão de que a inovação pode estar associada com a "capacidade de sair do mundo rural, que era muito autocentrado, e com as pessoas a entrarem em redes", uma factualidade já detetada noutros estudos sobre o desenvolvimento do mundo rural (Ferrão em Lifschitz, 2016: 76).

Estas situações tornam-se muito interessantes quando existem diversos protagonistas, que até podem ter perspetivas distintas mas que aceitam trabalhar em conjunto para construir um projeto coletivo. Uma linha possível de continuar esta reflexão e ação é trazida por Ana Burgos no seu esforço teórico em torno da inovação rural, ainda em construção (Burgos & Bocco, 2020).

REFERÊNCIAS

Baptista, Luís. 2005. "Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida". *Fórum Sociológico*, Números 13/14 (2ª Série): 47-58.

Borges, António A. 2007. *Monografia de Caria*. Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte.

Burgos, Ana e Bocco, Gerardo. 2020. "Contribuciones a una teoría de la innovación rural". *Cuadernos de Economía*, 39 (79): 219-247.

Convenção Europeia da Paisagem (*Conseil de l'Europe*, 2000).

Correia, Ana. 2004. *A aldeia da Bemposta*. Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor.

Fortuna, Carlos. 2013. *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*. Coimbra University Press, p. 23-44. [1ª Edição: Celta Editora, 1999].

Fortuna, Carlos. 2022. "Urbanidades Complexas: Considerações sobre o envelhecimento das cidades". *Caderno CRH*, Salvador, v.35, p. 1-15.

Leal, A. Pinho. 1873-1890. *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário* Lisboa: Livraria Matos Moreira & Companhia.

Lifschitz, Javier. 2016. "Entrevistas: João Ferrão". In *A presença dos ausentes: Identidades arcaicas em cenários contemporâneos*, 63-87. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora.

Magnani, José. 2002. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, (49): 11-29.

Marcus, George E. 1995. "Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography". *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117.

Marques, Júlio S. 1997. *Memórias de Vilar Maior*. Edição de autor.

Pereira, António Santos. 2020. *Sobral de São Miguel: Vertentes do património e da comunidade aldeã, na asa da Estrela, a meio de Portugal*. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã.

Rémy, Jean. 2016. *Espaços e transações sociais*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí; Montes Claros, MG: Ed. Unimontes.

Vaz, Domingos. 2022. "Cidades intermediárias e transação social. A Beira Interior entre as cidades e as serras". In *Cidades: Escalas e transações*, ed. A. Dimas e D. Vaz, 105-126. V. N. Famalicão: Edições Húmus.

Vaz, Elias M. 2014. *Idanha-a-Velha na bruma do tempo - a antiga Comenda e Concelho*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

CENTROS MENORES, PROBLEMA E OPORTUNIDADE

DANIELA LADIANA

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI "G. D'ANNUNZIO"
DI CHIETI E PESCARA-FIRST

CENTROS MENORES, PROBLEMA E OPORTUNIDADE: O CONHECIMENTO COMO RECURSO PARA A SUA SOBREVIVÊNCIA E REGENERAÇÃO

DANIELA LADIANA

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI
"G. D'ANNUNZIO" DI CHIETI E PESCARA
MEMBRO DO FIRST

O ABANDONO DE POVOAÇÕES E TERRITÓRIOS

Os centros menores representam uma importante identidade e património cultural que precisa de ser protegido, tal como salientado na Carta Internacional de Cracóvia (2000).
"Cada comunidade, através da sua memória colectiva e da consciência do seu passado, é responsável pela identificação e gestão do seu património. Os elementos individuais deste património carregam muitos valores, que podem mudar com o tempo. A partir deste processo de mudança, cada comunidade desenvolve uma consciência e uma consciência da necessidade de proteger os valores do seu património comum".

Nos últimos anos, de facto, tem havido uma consciência crescente não só no mundo científico, no que diz respeito à ameaça de desertificação destas áreas devido ao abandono lento e progressivo, mas também às oportunidades que os recursos aí disponíveis e a qualidade dos contextos podem proporcionar para uma distribuição mais equilibrada e sustentável da demografia territorial e para a implementação de melhores estilos de vida.

Os centros mais pequenos são realidades de povoamento caracterizadas por uma diminuição progressiva e envelhecimento da população e

por uma escassez de serviços, infra-estruturas, e oportunidades de trabalho, lazer e crescimento cultural. As gerações mais jovens têm preferido, desde há décadas, procurar um futuro melhor nas cidades, procurando emprego nos sectores industrial e dos serviços. Os lentos mas constantes fluxos migratórios levaram ao despovoamento e abandono de um enorme património arquitectónico e urbano e ao abandono progressivo das zonas mais interiores dos territórios.

Face às novas necessidades e estilos de vida que surgiram com a industrialização, a terciarização e depois com a afirmação das tecnologias digitais e a hiperligação, estes locais têm-se revelado cada vez mais inóspitos, incompatíveis com as necessidades da vida em termos de oportunidades de trabalho, mas também com a necessidade de sociabilidade, de lazer e de fruição de actividades e eventos culturais.

O abandono é mais notório nas zonas montanhosas ou planálticas do interior, onde o fenómeno da emigração tem sido mais marcado. Um processo que conduziu progressivamente à perda acentuada dos valores culturais e sociais das comunidades, conduzindo lentamente à extinção das identidades locais.

O abandono dos centros menores foi acompanhado pelo dos territórios vizinhos, com a simplificação, redução, dos sinais que caracterizam a paisagem de pertinência com um lento mas constante esquecimento dos processos que ao longo do tempo imprimiram e sedimentaram as suas características de identidade através da produção de culturas e métodos agrícolas específicos[1].

Tem havido um abandono gradual dos caminhos que irradiam do assentamento para os campos, do cultivo em pequenas parcelas, de pequenas explorações pecuárias, do cuidado dos socalcos, obras de irrigação, e áreas arborizadas, resultando na simplificação, homogeneização de culturas, ou pior, no abandono. Na produção agrícola, o financiamento europeu e o acompanhamento por satélite são os estímulos predominantes de uma iniciativa agrícola cada vez mais desligada da antiga lógica territorial de produção de valor, na qual a implementação de sistemas de produção e consumo caracterizados por sinergias e complementaridade eram prosseguidos.

Perde-se um imenso património imaterial com características e identidade cultural, de costumes que correm o risco de desaparecer; as actividades tradicionais são abandonadas, os campos já não são cultivados, com um aumento dos terrenos em pousio e dos riscos hidrogeológicos. Os edifícios já não são mantidos, com um aumento de desmoronamentos e instabilidades. Ao fenómeno do abandono e ao aumento da idade média da população residente corresponde a diminuição das condições para o cuidado do terreno e do ambiente construído[2].

O fenómeno do despovoamento das zonas interiores, especialmente das zonas montanhosas e planálticas, é acompanhado como um efeito importante pela interrupção dos processos de manutenção dos terrenos, com o consequente aumento dos riscos, tais como incêndios, inundações e deslizamentos de terras, cada vez mais frequentemente com consequências catastróficas mesmo para as povoações mais distantes a jusante[3].

Além disso, nas zonas montanhosas, as dificuldades inerentes à utilização de ambientes urbanos e domésticos caracterizados por um grande número de diferenças de nível e escadarias desencorajam mesmo os idosos com mobilidade reduzida ou as pessoas com deficiências motoras de permanecerem. O abandono dos lugares das pessoas tem sido seguido pela rarefacção gradual dos serviços de saúde, escolas, farmácias e lojas, acrescentando mais dificuldades às condições de vida já de si desfavorecidas em termos de oferta. O fenómeno do abandono gradual, lento e constante dos centros menores, portanto, apresenta hoje uma factura verdadeiramente amarga em termos do abandono de lugares com uma consciência do enorme desperdício de recursos económicos mas também de um imenso património de memória, cultura e tradição.

O estado de abandono e fragilidade destes núcleos antigos exige a definição de novas modalidades relativamente ao tema agora consolidado da "recuperação dos centros históricos" em contextos urbanos, a fim de reinterpretar correctamente a recuperação do conjunto povoado-território antes de se chegar ao estado de ruína da paisagem construída e rural[4].

ESPECIFICIDADE DO CAMPO DE ESTUDO

Nos últimos tempos, tem havido uma crescente atenção ao tema dos centros menores, não só por parte de estudiosos no terreno, de comunidades locais em circunstâncias difíceis, mas também, cada vez mais, de pessoas comuns desiludidas por uma vida cada vez mais stressante e esbanjadora nas cidades e atraídas pela vida mais sossegada e mais humana inerente a estes lugares. É reconhecido que, graças à ligação mais estreita com a terra, a natureza e os conhecimentos tradicionais, estes lugares oferecem a oportunidade de prosseguir estilos de vida mais saudáveis através de uma melhor nutrição, qualidade do ar e redução do stress em comparação com a vida na cidade.
Nestas pequenas aldeias - caracterizadas pela presença de um património construído de elevado valor histórico e ambiental, bem como por recursos naturais como florestas, cursos de água e culturas que conotam o seu carácter - a identidade dos indivíduos é reforçada graças ao forte sentido de comunidade devido à relação de pertença comum ao território e graças ao conhecimento e perpetuação de conhecimentos e tradições antigas.
A estas observações, é possível acrescentar que uma grande parte do artesanato e da produção agro-alimentar de excelência pode ser encontrada nestes centros.
Os processos em curso de abandono e, mais recentemente, de novo povoamento (ou regresso a locais de origem familiar) dos habitantes colocam questões urgentes não só sobre como sobreviver à dimensão física e material dos centros, mas também sobre como salvaguardar e proteger a identidade destes e das suas comunidades.

A regeneração dos centros menores é, portanto, um campo de trabalho reconhecido como sendo de importância crescente para se chegar a novas ideias de conservação e revitalização capazes de implementar políticas, estratégias e técnicas de protecção mas também de melhorar as condições que devem poder ser garantidas simultaneamente através da protecção simultânea de valores tangíveis e intangíveis e da determinação de condições para o desenvolvimento social e económico[5].

O crescente interesse neste campo de estudo testemunha a crescente consciência de que, para se prosseguir a sobrevivência destas realidades, é urgente o desenvolvimento de abordagens, métodos e instrumentos mais eficazes onde a questão da conservação e protecção do ambiente construído

se constitui como factor a ser colocado em sistema com os da regeneração social e económica. O problema é evidentemente complexo e põe em causa não só as disciplinas que lidam com o espaço físico, mas também as competências sociológicas, económicas e agronómicas a serem expressas em políticas ambientais, económicas e sociais de longo alcance.

A complexidade dos problemas e o campo das soluções parece apelar aos estudiosos e aos decisores para determinar novas formas de conhecimento e experimentação capazes de alimentar abordagens de regeneração multidimensional relativas a um quadro epistemológico renovado.

O campo da investigação e definição da pluralidade de acções possíveis para o tema da sobrevivência dos centros menores evidentemente não pode ser afrontado com abordagens disciplinares específicas, mas sim postula métodos sistémicos e integrados capazes de olhar para estes centros como indissociavelmente ligados ao destino dos seus territórios e das comunidades que ainda aí vivem e operam.

De facto, a questão de determinar mecanismos de incentivo e possíveis modelos de desenvolvimento social e económico como as primeiras restrições possíveis ao abandono destes territórios, aos quais a questão da protecção do ambiente construído deve ser correlacionada, é uma prioridade.

É importante que estas abordagens assumam conscientemente que o factor tempo corrói inexoravelmente a dimensão dos assentamentos originais: onde o envelhecimento da população residual é avançado, deve ser dada prioridade ao conhecimento da memória dessa comunidade; enquanto que onde a presença das gerações mais jovens é também atestada, devem ser também previstas formas de investigação e de acção para apoiar a permanência dos residentes originais e a fixação de novos.

Esta distinção deve ser feita devido à necessidade de preservar, para salvaguardar, não só a textura do edifício, o ambiente urbano, pelos seus evidentes valores histórico-arquitectónicos, aquele em que a identidade "física" do povoado, por assim dizer, é realçada, mas também a multidimensional da sua comunidade original, portadora de uma identidade "cultural" específica que esses locais criaram e

moldaram tendo em conta as suas necessidades materiais e espirituais[6].

Uma identidade que é o resultado das condições de precipitação, de exposição ao sol e vento, humidade, temperatura, vegetação, espécies; dos altos e baixos na preservação e regeneração das culturas; do entrelaçamento resultante das relações com as populações vizinhas e da aceitação de outras culturas diferentes.

Uma identidade que se desenvolveu ao longo do tempo através da expressão de uma ligação específica com os seus locais de vida e de trabalho, que levou a formas específicas de cultivo e de produção agrícola; da defesa da terra e da regimentação da água; da produção de bens e alimentos, mesmo em forma colectiva; da definição dos locais de eleição para festivais e procissões. Este é um património imaterial muito importante que contêm um sistema de valores afectivos, culturais e simbólicos, depositado na imagem que os habitantes possuem e transmitem do seu território.

CONHECIMENTO PARA UMA VALORIZAÇÃO CONSCIENTE

A fim de definir possíveis estratégias e acções úteis para travar os processos de abandono descritos e activar os de desenvolvimento nestas áreas consideradas "marginais", é essencial que a reflexão metodológica se concentre nas formas de reconhecimento das características peculiares e das vocações específicas do povoado e do território relativo em estudo.

A questão é complexa, uma vez que a variedade de realidades dos assentamentos impõe diferentes abordagens operacionais em função das características locais: enquanto em contextos vizinhos algumas características podem ser comuns, tais como, por exemplo, padrões de uso do solo, actividades de trabalho predominantes, conotações demográficas e económicas; por outro lado, podem existir especificidades relevantes em diferentes aspectos, tais como história, materiais e técnicas de construção, ou as formas de celebração de festivais e ritos que têm grande relevância na definição das características de identidade dos lugares[7].

É de salientar que estas realidades de povoamento devem ser investigadas não só em termos multidisciplinares mas também em termos multi-escalares, a fim de identificar todas as motivações que historicamente determinaram o nascimento e desenvolvimento do centro em relação a um território específico, a fim de reinterpretar, actualizando-as, as implicações de natureza económica entre estas.

A complexa tarefa de analisar os locais com uma visão capaz de observar de forma inclusiva os múltiplos e interligados aspectos culturais, ambientais e patrimoniais deve ser realizada com o objectivo de identificar os cenários de intervenção mais adequados às criticidades existentes e à natureza dos assentamentos. Uma tal abordagem é essencial para expressar modos de acção sobre o ambiente existente capazes de combinar a melhoria dos padrões de qualidade do ambiente urbano e rural com a manutenção da identidade material e imaterial dos locais.

Os métodos de análise e estudo próprios das disciplinas da arquitectura vão desde a grande até à pequena escala, identificando as conotações e implicações específicas entre estas: exploram-se as características do território e da paisagem, do assentamento nas suas conotações urbanas e, finalmente, dos edifícios nas suas características tipológicas e construtivas.

O estudo parte da análise da paisagem como resultado do processo de interacção entre o contexto natural e a acção humana na evolução histórica dos assentamentos e métodos de produção. Os factores determinantes são as características dos assentamentos e métodos de cultivo nos seus processos e sedimentações sobrepostos no tempo. Neste contexto, são identificadas características naturais (formas do solo e da vegetação), conotações geomorfológicas, traçados históricos de estradas e quaisquer emergências arquitectónicas presentes no território.

O povoado deve, portanto, ser estudado a partir do seu núcleo mais antigo, identificando os seus traçados viários, emergências arquitectónicas, sistemas de defesa e de culto religioso, a fim de descrever o centro urbano na sua configuração actual e fases históricas de formação e evolução. O tecido urbano é analisado através da realização de levantamentos precisos dos blocos úteis para a interpretação dos sinais das estratificações

históricas que produziram os palimpsestos ainda hoje visíveis. Em conclusão, desta abordagem às diferentes escalas de análise dos assentamentos, procede-se ao estudo de cada edifício, a fim de ler os caracteres tipológicos e construtivos em relação aos usos e estilos de vida, as suas variações ao longo do tempo e a identificação de técnicas e materiais de construção[8].

Devem ser activadas ferramentas para ler a relação entre a área construída e o contexto caracterizado pelas explorações agrícolas e pecuárias, a rede de caminhos utilizados para chegar às hortas, campos, prados e bosques.

O assentamento deve ser analisado como uma realidade multidimensional resultante da relação com as qualidades geomorfológicas específicas do território, caracterizada pela proposição, embora com variações, de uma tipologia de construção reconhecível, pela continuidade das fachadas ao longo das ruas e pela reconhecibilidade de uma linguagem expressa através da reiteração e várias interpretações na utilização de elementos arquitectónicos e da unidade dos materiais[9].

Salienta-se que o estudo dos centros menores não se pode limitar à dimensão física, mas deve estender-se à dimensão imaterial para estudar e, na medida do possível, preservar o universo íntimo e colectivo da identidade da comunidade que esses lugares animaram e povoaram e por vezes ainda vivem e agem.
A identidade é um aspecto importante através do qual se pode observar e descrever o povoado, os seus espaços articulados, os edifícios nas suas tipologias e materiais, um todo orgânico onde cada elemento é inserido e é modificado através de sistemas de relações entre pessoas e lugares.

Durante muito tempo, estas aldeias permaneceram semelhantes a si próprias, aparentemente imutáveis no constante movimento diário dos seus habitantes desde a aldeia até aos campos, ao bosque, ao seu próprio território. Depois este movimento tornou-se mais longo, em direcção a lugares distantes.

Como resultado da imigração, foram geradas duas aldeias, uma física, cada vez mais despojada de população, onde permanecem os mais velhos; outra, intangível, mas ainda assim vívida, que

permanece na memória daqueles que partiram e está existencialmente suspenso entre o lugar de origem e o da sua nova vida.

A verdadeira aldeia esvazia-se e sofre de negligência. A comunidade de aldeões, noutros locais, povoam a sua imagem em memória. Aqui, cada aldeia e a evolução do seu abandono é um testemunho mudo da condição humana contemporânea de laceração entre ir e ficar, entre a incerteza e a certeza nas várias dimensões da vida[10]. Em redes virtuais, a memória dos lugares de origem, alimentada por migrantes, sobrevive e é reforçada; nestes lugares virtuais, a memória da aldeia sobrevive e é tecida com as cores das memórias[11].

Portanto, o mundo das comunidades digitais é um importante recurso para a sobrevivência e conhecimento das memórias e da antiga identidade dos lugares. Mas talvez mais do que isso, talvez num futuro próximo também uma oportunidade de sobrevivência para estes lugares[12] e para as suas novas e antigas comunidades.

ESTRATÉGIAS E ACÇÕES POSSÍVEIS

Qualquer hipótese de desenvolvimento deve evidentemente medir-se com as direcções projectadas pela conotação de cada contexto físico e social específico, através da capacidade de identificar e reforçar as vocações locais, determinando as condições para a elevação económica das áreas em questão, colocando no centro de qualquer iniciativa a vontade de restaurar uma forte ligação com os territórios, com as suas características peculiares, com as suas produções, com as suas tradições. A qualidade e a eficácia de qualquer processo de regeneração imaginado para um centro menor está, portanto, intimamente relacionada com a capacidade de ler e compreender as características e os valores que caracterizam cada aldeia na sua relação dinâmica ao longo do tempo com o contexto territorial e a paisagem específicos. A acção de regeneração deve, evidentemente, ser proposta como uma acção "inteligente", no sentido propriamente etimológico da palavra, como uma acção conotada com a capacidade de ler no meio das coisas (*inter-lĕgo*), ou dentro das coisas (*intus-lĕgo*), no seu processo de transformação imparável e contínuo.

O conhecimento das dimensões materiais e imateriais da realidade do centro menor assume um valor absolutamente crítico para toda a comunidade, a do passado, a do presente e, desejavelmente, a do futuro. Trata-se, de facto, de garantir formas contínuas de o adquirir nos campos identificados não como um momento isolado mas como um verdadeiro processo. O conhecimento, de facto, permitiria fazer avaliações mais precisas, permitindo identificar com precisão os elementos que mais caracterizam as qualidades e as vulnerabilidades da aldeia[13].

A aquisição de conhecimentos que proporcionam uma visão mais completa dos lugares, se partilhada, ou melhor, se construída colectivamente, pode permitir um maior envolvimento dos cidadãos nos processos de decisão relativos à gestão da comunidade, devolvendo-lhes um papel de importantes actores da mudança. Na ausência de conhecimento e de capacidade de leitura do presente, é evidente que não é possível imaginar, desejar e assim construir os vários cenários futuros possíveis[14].

Para combater o fenómeno do abandono, ao processo de aquisição de conhecimento, que se prende essencialmente com as disciplinas de governação do território e dos seus artefactos, há que acrescentar o de cuidar da memória como processo de preservação e perpetuação do sentido de lugar e de identidade das comunidades[15].

É importante construir/valorizar momentos/lugares/percursos com a função de conhecer/lembrar e valorizar os patrimónios naturais e culturais, com o objectivo de recuperar não só o conhecimento das raízes históricas mais antigas, mas também a memória dos modos de vida que se sucederam no território. É, portanto, essencial valorizar a cultura através da investigação e da valorização dos testemunhos do desenvolvimento das aldeias e das comunidades, chamando a atenção dos utilizadores internos e externos não só para os objectos da vida quotidiana, mas também para as paisagens, a arquitectura, os métodos de construção e, quando disponíveis, os testemunhos orais da tradição. As formas possíveis são múltiplas e estão ligadas à natureza dos próprios lugares e comunidades[16].

Nas últimas décadas, têm-se registado numerosas iniciativas interessantes para a revitalização de centros menores, nas quais a história e a memória

dos lugares e das comunidades têm sido propostas como elementos-chave; em Itália, uma das mais relevantes pela qualidade da abordagem, pelo envolvimento e protagonismo reconhecidos aos habitantes do centro e pela capacidade de ligar o passado, o presente e o futuro de uma cidade, foi levada a cabo em Pettineo, na província de Messina, pelo mecenas Antonio Presti sob o nome de "*Kilometro di tela*" e o "*Museo domestico*" que nas suas sucessivas edições, nos anos 1990, envolveu um grande grupo de artistas locais e internacionais e os habitantes da aldeia numa actividade artística que marcou fortemente a comunidade e que foi recentemente objecto de uma exposição das telas guardadas pelos cidadãos[17].

Todos os anos, desde 1991, o fundador de Fiumara d'Arte organizou um evento em que uma tela, pronta a ser pintada, era colocada ao longo de um percurso pré-determinado no centro da cidade para que cada artista expressasse o seu trabalho. Tratou-se de um verdadeiro evento de pintura contemporânea que, durante três edições, envolveu centenas de artistas acolhidos por moradores locais, estabelecendo com eles um vínculo especial de amizade. No final, cada artista ofereceu a sua obra aos moradores, cujas casas se tornaram o "Museu Doméstico"[18].

Esta operação é interessante na medida em que resulta de uma abordagem em que a comunidade não se constitui como receptora passiva de uma iniciativa promovida por entidades ou pessoas afastadas do território, mas é protagonista, promotora, co-produtora e depositária dos resultados da obra de arte contemporânea[19]. Na relação de hospitalidade entre artistas e habitantes, os conteúdos e memórias dos residentes podem alimentar o trabalho dos artistas chamados a operar na grande cadeia de construção de novo valor no "Quilómetro de tela". Com este único exemplo, entre muitos outros possíveis, o que pretendemos sublinhar como paradigmático é a importância do pleno envolvimento e protagonismo assumido pela comunidade local na iniciativa de valorização do centro menor[20].

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA NOS CENTROS MENORES RAIANOS

Esta importante estratégia de valorização do lugar é também adoptada em Portugal através do reconhecimento do valor da memória do território específico, destacando não só os aspectos do conhecimento aprofundado através de estudos arqueológicos e documentais, mas também as experiências mais recentes da tradição do trabalho camponês, com a descrição de tecnologias, processos, instrumentos de transformação agrícola; mas também de lugares, percursos e tradições ligadas à criação de gado. Descreve-se a epopeia da gente comum onde a vida era mais decisivamente marcada pelo trabalho quotidiano.

Na investigação multidisciplinar apresentada neste volume, efectuada sobre os contextos do território Raiano, procurou-se reconhecer esta atitude em alguns centros menores.

Freineda, do ponto de vista administrativo, é uma aldeia do Concelho de Almeida, com uma área de cerca de 30 quilómetros quadrados e apenas cerca de 200 habitantes. Neste pequeno centro, a importância da história já pode ser percebida à vista do monumento na praça principal.
Em Portugal, existem vários centros de interpretação das estratégias militares adoptadas pelos exércitos na época das invasões napoleónicas. A Câmara Municipal de Almeida e o seu Grupo de Reconstrução Histórica, com a colaboração de vários grupos de diferentes países, organizam todos os anos, em Agosto, a reconstituição histórica da batalha de Freneida. O quartel-general do Duque de Wellington existe ainda hoje sob a forma de uma casa senhorial barroca, construída em frente à igreja matriz. Grupos de turistas ingleses e irlandeses deslocam-se frequentemente a este local, atraídos pela fama do general.
Os vestígios de um importante passado agrícola são apresentados através de um rico património de armazéns abandonados, construídos para guardar cereais, e da ruína incipiente da estação ferroviária desactivada. Fora do aglomerado urbano, destaca-se o Santuário de Santa Eufémia, onde se realiza a festa com o mesmo nome, celebrada em Agosto para permitir a participação dos emigrantes e na qual se afirma e reforça o sentimento de pertença à comunidade.

Vilar Maior é uma antiga aldeia do Município de Sabugal, com 25 km² de área e apenas 120 habitantes. A povoação, desde a Idade Média, é dominada por um castelo que combina as muralhas ovais com uma poderosa Torre de Menagem, à qual se acede pelo interior do castelo através do caminho de ronda. O castelo proporciona uma vista magnífica sobre a paisagem. O enquadramento e as vias de acesso, bem conservadas para um passeio pelas ruas estreitas que sobem da aldeia e circundam o monumento, atestam a grande consideração por esta construção antiga e simples que ainda exerce um poderoso sentido de beleza e força na sua relação com o meio envolvente. Neste local, que se caracteriza por uma grande atenção à cultura e ao património, destacam-se as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Castelo e o resultado do despojamento da Igreja para a construção de outros edifícios.
A relação com a história e a memória, nesta realidade de povoamento, afirma-se também no ambiente construído, no cuidado com o espaço público e no antigo edifício dos Paços do Concelho, recentemente adaptado, em Agosto de 2016, para a exposição de artefactos associados à história e ao modo de vida tradicional das populações locais. A colecção é constituída por peças encontradas na freguesia - arqueologia, arte sacra e livros antigos. Algumas peças podem também ser encontradas no exterior. Outra particularidade é uma gravura rupestre na base do museu, com desenhos geométricos e abstractos. As gravuras foram feitas na pedra com ferramentas líticas ou metálicas. Foram descobertas quando uma parede foi removida e, numa pedra de granito, as inscrições tornaram-se visíveis.

Caria é uma vila que pertence ao Concelho de Belmonte, tem uma área de aproximadamente 40 km² e 1500 habitantes (2021).
É uma vila de importância regional na qual existem actividades agrícolas, comerciais, de serviços à comunidade e de apoio, existe também turismo rural e iniciativas sócio-culturais.
Neste centro menor, a importância da actividade agrícola é percebida pelo simples imediatismo com que as estradas da povoação conduzem ao campo cultivado sem a mediação das zonas suburbanas.
A deslocação da aldeia para o campo, contínua, quotidiana, se detém em praças e espaços abertos onde a presença de árvores e o tratamento do espaço público garantem sombra e bem-estar.
A presença da memória desta comunidade é viva e palpitante e pode ser percebida no quotidiano

até do mais distraído visitante do centro histórico, onde se encontra a Casa Etnográfica, onde se guardam os utensílios dos antigos ofícios recolhidos e organizados por um particular, a Casa da Roda que é o local onde eram depositadas as crianças enjeitadas nos tempos em que a vida era mais dura. Na praça em frente a estes edifícios, uma instalação apresenta objectos do quotidiano rural, permitindo aos visitantes ver os veículos e as mercadorias transportadas para fins agrícolas no século passado.
Importante do ponto de vista do conhecimento histórico e da documentação é o Museu do Território na Casa da Torre, uma habitação do século XIV com características arquitectónicas militares que se destaca na paisagem do centro antigo e que, a norte e a leste, está rodeada pelos restos das antigas muralhas defensivas. Aqui se documenta a história antiga do lugar nas suas várias fases.

Sobral de São Miguel, aldeia do Concelho da Covilhã, com uma área aproximada de 24 km² e cerca de 200 habitantes, no conjunto das aldeias observadas, representa uma realidade particularmente feliz no que respeita à sua relação com a paisagem.
O percurso até este pequeno centro, já na aproximação à zona urbanizada, revela um cuidado com os socalcos que ainda são utilizados para a produção agrícola. O aglomerado integra-se na morfologia do terreno com as suas ruas e edifícios que insistem regularmente nas diferentes alturas do vale do rio; de facto, o aglomerado foi construído ao longo das encostas, adaptando-se e acompanhando as curvas da ribeira de Porsim: as filas de casas foram erguidas seguindo as curvas de nível e, de cada lado destas, existem numerosos lanços de escadas que permitem o acesso aos pisos superiores das casas e aos níveis mais altos dos edifícios. Os edifícios em xisto rebocado, de dois ou três pisos, abrem no piso superior, com varandas expostas ao sol. A ribeira, atravessada por três pontes antigas, foi recentemente objecto de obras que a tornaram acessível como praia fluvial. Ao longo do seu curso, o antigo moinho, os fornos comunitários, a ferraria e o sistema de comportas para rega das hortas e jardins foram recuperados e operacionalizados de acordo com a sua utilização primitiva. Há ainda a Casa-Museu João dos Santos, onde é possível mergulhar no passado desta região, mas a relação mais intensa com o passado e a memória do Sobral não está encerrada entre as quatro paredes de um centro interpretativo, de um museu, mas vive e caminha na mente das pessoas,

encontra-se na prática quotidiana da agricultura nos socalcos, na manutenção dos muros de xisto e das varandas de madeira, na surpreendente integração da vegetação dos jardins e hortas; na beleza e importância da água que corre e anima a aldeia com o som do seu correr, no aroma do pão produzido em conjunto. A percepção é que a importância da memória está, antes de mais, na consciência que as pessoas que ali vivem e animam o Sobral têm de uma beleza discreta e envolvente, delicadamente suspensa entre o passado e o futuro.

Janeiro de Cima é uma aldeia do Concelho do Fundão, com uma área de aproximadamente 12 km² e 300 habitantes (2011).
Neste pequeno centro, está a ocorrer uma transformação no sentido de alargar as funções possíveis para a dimensão turística. De facto, Janeiro de Cima, aos fins-de-semana e feriados, enche-se de pessoas que aqui vêm para desfrutar da acção refrescante da natureza e da beleza do Parque Fluvial nas margens do Zêzere.
A atenção às tradições locais em termos de artesanato é vista através da criação e gestão de um local especial chamado 'Casa das Tecedeiras', este espaço permite às pessoas conhecer e comprar produtos locais e regionais, mas também contém uma verdadeira oficina de tecelagem onde os produtos têxteis são feitos com o objectivo de inovar os conhecimentos e linguagens consagrados pelo tempo. A transformação tradicional do linho, efectuada em tear manual, é inovada no design e nas possibilidades de utilização do tecido.
Em Janeiro de Cima, a atenção dada à história do povoamento está patente na valorização de uma técnica construtiva específica que caracteriza o património edificado de Janeiro de Cima, em pedra de xisto aparente com a particularidade de incluir na textura escura e avermelhada das paredes, seixos brancos e arredondados do leito do rio Zêzere que conferem às paredes das casas um acentuado contraste cromático.
Muitos edifícios de habitação caracterizam-se pelas típicas varandas que testemunham a utilização da casa em dois níveis diferentes: o de baixo para os animais e o de cima para as pessoas.

Bemposta é uma aldeia do Concelho de Penamacor, com uma área aproximada de 10 km² e 100 habitantes (2021). O centro é rico em vestígios romanos, merecedores da maior atenção por parte dos epigrafistas; muitos vestígios epigráficos podem ser vistos no núcleo museológico da Bemposta.
A presença do passado é afirmada pela relevância

do património histórico-arquitectónico dos seus edifícios, caminhos e espaços abertos. O centro histórico, praticamente intacto, caracteriza-se pela imponência das casas de granito com as suas grandes escadarias de acesso paralelas às fachadas, típicas desta região. Existem ainda testemunhos monumentais: Capelas do Espírito Santo e de S. Sebastião, Antigos Paços do Concelho, Cruzeiro, Ponte romana, Torre Templária, Fontes Salgueira, de Santa Comba e Nova, Ara romana de Bemposta.
Entrevistando os membros da Associação local, percebe-se uma consciência dos valores associados ao edifício e à sua envolvente.
É notório que a esta Associação se juntam também não residentes que mantêm uma relação de proximidade e de acção com a aldeia para um melhor conhecimento e valorização dos lugares. Esta dedicação aos lugares significativos para a identidade pessoal, familiar e comunitária manifesta-se na paixão que alimenta as discussões sobre a requalificação de espaços e edifícios, ou nas iniciativas de identificação e inventariação dos sinais s das fachadas por parte da Associação, bem como na promoção de iniciativas de estudo arqueológico que resultaram no levantamento de todo o povoado.

Idanha-a-Velha é uma aldeia do Concelho de Idanha-a-Nova, com uma área aproximada de 21 km² e apenas 50 habitantes (2011). É uma das aldeias históricas mais conhecidas da região pelos seus importantes vestígios históricos e patrimoniais que testemunham a continuidade da existência do povoado ao longo dos séculos e tem sido alvo de importantes trabalhos de restauro e valorização para melhorar o conhecimento e conservação dos sítios e potenciar a sua fruição cultural. O povoado foi fundado durante o período romano, na fase augustana, por volta do século I a.C. Os testemunhos do período de ocupação romana são as muralhas de fortificação e a importante colecção de estelas recolhidas no Arquivo Epigráfico, instalado no pátio do antigo lagar de azeite, a sudoeste da aldeia.
Entre os vestígios de estruturas antigas, destaca-se a antiga Sé Catedral, o edifício mais enigmático deste antigo povoado, por ser um espaço de difícil interpretação, dado o palimpsesto de intervenções que sofreu ao longo dos séculos, a começar pela sua primitiva construção paleocristã.
Interessante é a musealização do antigo lagar de azeite, uma grande construção rural do século passado que tem sido utilizada para documentar técnicas de produção anteriores à industrialização

dos processos. Desde 2008, alberga o Posto de Informação Turística como serviço de apoio a todo o conjunto histórico.
O tema da história e da memória, veiculado através de uma requalificação erudita e cuidada dos lugares, não se dirige tanto à população local, em vias de desaparecimento devido à idade avançada dos restantes residentes, mas sim ao visitante, ao turista cultural.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

A investigação realizada no terreno, que levou a equipa a percorrer territórios, a observar paisagens, a visitar povoados e monumentos e a ouvir pessoas, visou essencialmente compreender porque é que um país sobrevive.
A resposta parcial que se pode dar do ponto de vista deste estudo - limitado à avaliação dos aspectos inerentes ao conhecimento e à memória ligados aos lugares - é que a realidade mais consciente da sua própria história e memória sobrevive porque essa consciência serve para viver e animar de sentido as acções do presente.
O património de uma comunidade, de facto, vai além dos artefactos físicos, das estruturas construídas e dos locais históricos. É também uma interacção de tempo, memórias e emoções vividas e apreciadas por indivíduos, grupos e comunidades. Os membros de um centro menor asseguram a sua sobrevivência, exprimindo um sentimento de pertença ao seu território através da participação activa em actividades e projectos de conservação e valorização dos lugares. De facto, a sua sobrevivência parece estar ligada ao reconhecimento de um valor através de um processo cultural que envolve conhecimento, memória, experiência e criação de identidade para compreender e envolver-se com o presente.
Nas realidades investigadas, este tipo de processo parece estar efectivamente activo onde se encontram acções e percursos promovidos e prosseguidos "a partir de baixo", muitas vezes através de *insiders/outsiders* - por exemplo, aqueles que foram estudar para fora e depois regressaram, ou pessoas que se mudaram para esses lugares - que actuam como verdadeiros catalisadores de transformações importantes na cultura e na mentalidade das pessoas e, depois, no cuidado e valorização dos lugares. Estes processos pareceram-nos particularmente eficazes quando encontraram apoio e reforço na acção da administração pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] Tarpino, A. [2012]. *Spaesati: luoghi dell'Italia in abbandono tra memoria e futuro*, Milano: Einaudi.
[2] Ladiana, D. [2015]. "Territorial Safety and Landscape quality" in *The technological design of resilient landscape*, Milano: Franco Angeli.
[3] Tarpino, A. [2016]. *Il paesaggio fragile*, Milano: Einaudi.
[4] Ladiana, D. [2018]. " Minor Historical Centers, Landscape and Architecture" in *Landscape, Settlements and Way of Life*, Porto, FAUP.
[5] Barca, F. [2018]. "In conclusione: immagini, sentimenti e strumenti eterodossi per una svolta radicale", in De Rossi, A. (a cura di), *Riabitare l'Italia. Le aree interne tra abbandoni e riconquiste*, Roma: Donzelli.
[6] Fabbricatti, K. [2017]. "Interazioni creative tra luoghi e comunità: esperienze di riattivazione delle aree interne", *TECHNE*, n. 14, pp. 216-223.
[7] Braz Afonso, R. [2015]. "Per una Cultura che Coltiva le Relazioni", in *Conservare, Mantenere, valorizzare il paesaggio. Contributi di cultura tecnologica*, Firenze: Alinea.
[8] Brunori, G., Magazzù, M. [2019]. "Centri minori: metodi per la conoscenza e la consapevole valorizzazione" in Atti della Conferenza Internazionale *I Centri Minori: da problema a risorsa*, Milano: FrancoAngeli.
[9] Zampilli, M. [2009]. "I borghi collinari e montani, metodi di lettura e d'intervento", in Stabile, F.R., Zampilli, M., Cortesi, C. (editors). *Centri storici minori. Progetti per il recupero della bellezza*, Roma: Gangemi Editore.
[10] Teti, V. [2004]. *Il senso dei luoghi. Memoria e storia dei paesi abbandonati*, Roma: Donzelli.
[11] Teti, V. [2017]. *Quel che resta. L'Italia dei paesi, tra abbandoni e ritorni*, Roma: Donzelli.
[12] Pirlone, F. [2016]. *I borghi antichi abbandonati. Patrimonio da riscoprire e mettere in rete*, Milano: FrancoAngeli.
[13] Flora, N., Crucianelli, E. (editors) [2013]. *I borghi dell'uomo. Strategie e progetti di ri/attivazione*, Palermo: Lettera ventidue.
[14] Samuele, B. [2011]. *Valorizzazione dei borghi storici minori. Strategie di intervento*, Reggio Emilia: Edizioni Diabasis.
[15] Battaglini, L., Corrado, F. [2014]. "Il ritorno alla terra nei territori rurali-montani: diversi aspetti di un fenomeno in atto", *Scienze del Territorio*, n. 2, pp. 79-86.
[16] Crucianelli, E. [2013]. "Ri[fi]uso", in Flora, N., Crucianelli, E. (a cura di). *I borghi dell'uomo. Strategie e progetti di ri/attivazione*, Siracusa: Lettera Ventidue.
[17] Centineo, S. [2019]. "The torrent of art, the rooms of art. The Fiumara d'Arte and Atelier sul Mare in Sicily". In *Intelligence, Creativity and Fantasy* (pp. 282-288). CRC Press.
[18] Crupi, M. L. [2022]. "Fiumara d'arte in Sicilia: arte, architettura, paesaggio". In *Fiumara d'arte in Sicilia.*
[19] Bauman, Z. [2001]. *Voglia di comunità*, Roma-Bari: Laterza.
20 Quattrone, G. [2003]. *La gestione partecipata delle aree protette* (Vol. 96), Milano: FrancoAngeli.

REFERÊNCIAS GERAIS

Arminio, F. 2008. *Vento forte tra Lacedonia e Candela*, Roma-Bari: GLF editori Laterza.

Cataldi, G. 1977. *Per una scienza del territorio. Studi e note*, Firenze: Uniedit.

Council of Europe. 2005. *Framework convention on the value of cultural heritage for society* (Faro Convention), Faro.

Council of Europe. 2000. *European Landscape Convention*.

Fabbricatti, K. 2017. "Interazioni creative tra luoghi e comunità: esperienze di riattivazione delle aree interne", *TECHNE*, n. 14, pp. 216-223.

De Castro Caldas, E. 1991. *A agricultura portuguesa através dos tempos*, Instituto Nacional de Investigação Científica.

Norberg-Schulz, C. 1998. *Genius loci. Paesaggio, ambiente, architettura*, Milano: Electa.

Tarpino, A. 2012. *Spaesati: luoghi dell'Italia in abbandono tra memoria e futuro*, Milano: Einaudi.

Tarpino, A. 2016. *Il paesaggio fragile*, Milano: Einaudi.

Teti, V. 2004. *Il senso dei luoghi. Memoria e storia dei paesi abbandonati*, Roma: Donzelli.

Teti, V. 2017. *Quel che resta. L'Italia dei paesi, tra abbandoni e ritorni*, Roma: Donzelli.

CASOS EM ESTUDO:
CENTROS MENORES OBSERVADOS

RUI BRAZ AFONSO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA-CEAU

CASOS EM ESTUDO

RUI BRAZ AFONSO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - CEAU

ABANDONO E RESISTÊNCIA

A questão do valor atribuído ao capital natural e à manutenção da biodiversidade condiciona a gestão dos recursos, tendo que ser observada com atenção especial, tendo em conta a sua regeneração, dificuldade que ameaça o desenvolvimento sustentável equilibrado. Num trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvido no Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura, (CEFA-UP) tem-se procurado identificar os elementos que possam contribuir para a caracterízação da relação das formas de ocupação humana com a paisagem, os elementos que possam contribuir para a construção de um equilíbrio entre factores endógenos e seu uso, no tempo.

Assim se conformou a ideia de estudar as formas de resistência ao abandono em centros menores perdidos na sua paisagem e entender a relação entre modo de vida e paisagem, como elemento de consolidação dos fundamentos da resistência. A equipa de pesquisa começou a visitar sítios que mostrassem sinais de contrariedade ao "ciclo da desgraça" que se teria instalado, e após uma seriação, decidiu-se colocar a atenção do estudo em alguns desses centros, tendo a escolha recaído sobre aqueles em que a sua relação com a paisagem é significativa em relação à questão do abandono.

Impressionou a equipa por uma lado verificar que em alguns daqueles centros menores, um grupo de nativos, mas residentes fora, criasse um núcleo de estudos com vista à identificação de elementos materiais e imateriais que representassem o espírito do sítio, de modo a poder encetar uma operação de valorização que combatesse o ciclo da desgraça e fomentasse o orgulho na pertença, seja pela tradição seja pelo tratamento cuidado dos elementos construídos, seja pelas formas de exploração da paisagem produtiva, que criam produtos da terra para a subsistência e que cuidam o ordenamento do espaço envolvente.

Foi possível identificar, por outro lado, alguns centros menores nos quais se identificou uma iniciativa da Freguesia (entidade menor de administração) que consiste em pôr em funcionamento um sistema organizativo que permite acudir às emergências dos residentes, seja por questões de vida pessoal como a saúde, seja por questões de funcionamento da vida em conjunto e de articulação com a paisagem produtiva envolvente, como garantir o bom estado da circulação de pessoas e utensílios.

Um terceiro grupo de centros menores foi identificado, a partir da existência de articulação entre a vida humana e a paisagem produtiva, pois o acidentado do terreno permite que a habitação se articule com a paisagem de modo quase intrínseco, sem se poder perceber por vezes a forma de um e de outro. E podem reconhecer-se pequenas intervenções no espaço, como o tratamento dos arruamentos de modo a facilitar a circulação diminuindo as dificuldades resultantes do declive, como uma atenção à manutenção de muros escadas e pavimentos, como o tratamento das margens da linha de água, a recuperação de engenhos movidos a água e de fornos tradicionais, que passaram a ser utilizados, tudo contribuindo para um enorme aumento da auto estima dos residentes e do orgulho da pertença ao sítio e à comunidade. Não existe um regulamento específico, mas são as pessoas que procuram não destoar do sentido da intervenção e que acabam sentindo como suas as obras realizadas tanto mais porque lhes sentem a utilidade para o modo de vida e para o uso da paisagem.

CASOS EM ESTUDO
PEQUENOS CENTROS URBANOS NOS TERRITÓRIOS DA RAYA SECA

CASOS EM ESTUDO
1 - Freineda
2 - Vilar Maior
3 - Caria
4 - Sobral de S. Miguel
5 - Janeiro de Cima
6 - Bemposta
7 - Idanha-a-Velha

BEIRA INTERIOR
⊛ Sede de Distrito
○ Sede de Concelho

FREINEDA

Situado no limite poente da peneplanície da Meseta fazendo fronteira com as terras de Castela, e nas proximidades do vale do Côa, com as suas terras férteis, é um centro menor integrado no Concelho de Almeida que se desenvolveu graças à articulação entre terra seca e terra irrigável, propiciando culturas cerealíferas importantes de sequeiro e pequenas culturas de regadio que tornaram atractiva a fixação humana, que se consolidaram no final de 1800, com a construção do caminho de ferro da Beira Alta.

Actualmente com pouco mais de 200 habitantes a residir no seu núcleo central, a vida humana organiza-se em torno da paisagem produtiva, sendo importante o número de explorações, a sua dimensão e o seu nível de mecanização. A construção da estação ferroviária da Freineda, última estação do troço leste que liga à fronteira e com a província de Salamanca, constituiu-se como elemento de fomento da produção cerealífera, pecuária e da castanha, fixando rendimento e criando condições para o desenvolvimento urbano e económico.

A ocupação urbana está estruturada pela estrada que faz a ligação com o Sul do Concelho, e tem o seu ponto central na praça onde se localiza a Igreja Matriz e a Casa dos Morgados da Freineda, onde esteve instalado Wellington e o comando das tropas que lideraram a resistência à invasão do exército napoleónico no início de 1800, e para onde convergem os diversos caminhos que conduzem aos campos cultivados e às leiras irrigadas que definem um tecido urbano característico dos desenvolvimentos ocorridos desde os anos 1700, com orientação aos poços e às linhas de água que permitem a vida humana, que se fundamenta nas actividades agrícolas.

A resistência ao abandono tem-se estruturado em torno da defesa do trabalho no campo, e um grupo de pessoas organizadas em Associação Cultural e ligadas à gestão da Freguesia, tem vindo a desenvolver um conjunto de acções que se constituem como suporte para enfrentar as dificuldades da vida rural, prestando assim um serviço de "atendimento" aos residentes, resultado de uma conjugação de esforços humanos e da concentração de recursos das freguesias vizinhas, agregadas na Associação de Freguesias da Raia e do Côa, construindo-se como um "grupo de intervenção" que dispõe de pessoal e de maquinaria, que é chamado a intervir nas diversas ocorrências que perturbam o funcionamento da exploração agrícola e da vida humana.

O elemento essencial de Valor presente, estimulando a fixação humana, parece ser, como refere Miguel Simões, esta capacidade de intervenção "na hora" perante as dificuldades de funcionamento da vida humana, desde a pequena reparação da infraestrutura até à manutenção cuidada do espaço urbano e do sistema de articulação com os campos, criando melhores condições para o desenvolvimento da vida rural e também um sentido de orgulho e de pertença à comunidade, para tal contribuindo também a presença da referência a "Wellington", enquanto elemento que atrai grupos de festejo militar.

Tem promovido o grupo de trabalho que se ocupa do reforço do sentido de comunidade intervenções no espaço de uso colectivo, da qual se podem destacar o tratamento da praça central como espaço livre de veículos automóveis pondo assim em evidência a sua dimensão urbana como espaço de encontro e convívio, dimensão exaltada pelo desenho do pavimento, as intervenções no recinto da capela de Stª Eufémia que contribuíram para a dignificação do sitio e da festa, e a recuperação de fontes e lavadouros colectivos, reforçando a presença da água como elemento complementar da organização do cento urbano.

VILAR MAIOR

Situado no cabeço que domina o rio Cesarão, e encravado entre o vale do Côa e terras de fronteira, é um centro menor que se desenvolveu como ponto defensivo de terras de Riba-Côa, desde a expansão do Reino de Leão para Sul até à fortificação da expansão portuguesa para Este, anterior a Alcañices. Sendo o topónimo Vilar existente mais a Sul do território nacional, faz entender que terá sido cabeça de partido e o seu castelo terá sido um ponto de referência na organização do território, criando condições de fixação humana ao longo do tempo, apoiada depois na exploração agrícola e pecuária.

Actualmente com pouco mais de 100 habitantes a residir no seu núcleo centraL, a vida humana organiza-se em função da exploração agrícola e pecuária, e tem no sistema hídrico o elemento de organização da paisagem, com terras de sequeiro a Norte e de regadio a Sul e na articulação do Cesarão com o Côa, definindo a paisagem produtiva que se reconhece, e de que são testemunho a presença de casas senhoriais e de ruínas importantes no monte do castelo.

Este sistema e a presença do castelo, de origem medieval embora com vestígios antigos, posto defensivo de um território mais vasto, conformou a ocupação do sítio, que a partir da primitiva cidadela, foi desenvolvendo "arrabaldes" para os terrenos mais abaixo, quando a produção agrícola criou condições para a fixação humana, no qual teve relevo a produção cerealífera e o pastoreio de gado míudo, ocupação que justificou a construção de uma nova cerca muráriа, definindo a praça, para localizar as trocas e a construção da casa da Câmara. Esta "descida do monte" transformou a paisagem surgindo novas exigências, com aproveitamento agrícola da encosta Sul-Poente, que consolidou o estatuto do aglomerado, como refere Júlio Marques na sua publicação Memórias de Vilar Maior.

A resistência ao abandono tem-se consolidado em torno da actividade de um grupo de pessoas, organizados em Associação Cultural, que têm vindo a desenvolver diversas iniciativas de recuperação de edifícios e de caminhos, procurando aumentar a atractividade para naturais residentes fora da Freguesia e para forasteiros que o demandam, exaltando o modo de vida próprio do centro menor, mostrando no Museu instalado no edifício da antiga Câmara Municipal as técnicas e os objectos que caracterizam o modo de vida tradicional.

O elemento de Valor promovido como consolidador do sentido de pertença tem sido a ideia de vida rural em ambiente urbano, respeitando a relação com a paisagem produtiva e criando um ambiente urbano, assente em alguns valores como são a presença das notáveis casas senhoriais, com actividade agrícola, e a existência de percursos que permitem a leitura das várias "coroas" de crescimento urbano, desde o monte do Castelo, recentemente intervencionado, atravessando a cerca medieval sobre a qual se apoia a antiga Câmara, até às margens do Cesarão.

Aquele grupo de pessoas organizadas com o apoio da Junta de Freguesia e da Câmara do Sabugal, têm estimulado a recuperação de edifícios como residências de locais, de equipamentos sociais e destacado a importância das pontes, de origem romana, dos largos para convívio e festa e definido um percurso cuidado que permite apreciar a arquitectura rural e senhorial, as subidas ao castelo e sua torre de menagem, os edifícios com significado histórico especial, como a ruína da Igreja Matriz e a antiga casa da Câmara e em alguns pontos, exaltar o panorama sobre a paisagem.

GRAVURA RUPESTRE I

CARIA

Situado em uma proeminência territorial acentuada pela passagem no terreno de duas linhas de água da bacia do Zêzere, que confluem definindo um promontório de valor defensivo e de controle que se apresenta sobrejacente aos vastos terrenos agrícolas que fazem referência ao aglomerado, centro menor de grande importância local, apresenta-se como um sítio que detém variadas funções urbanas, sendo a partir do cruzamento das duas vias principais, que se desenvolvem ao longo do leito das ribeiras, que se organiza a ocupação humana, com as cotas de referência dos lameiros férteis junto às águas abundantes, formando em torno da Casa da Torre, ponto de referência visual de controle e panorâmico, uma malha urbana de características medievais, que ao longo das vias que se dirigem às zonas de regadio, criam um característico articulado com as vias que seguem as linhas de cota.

Actualmente com pouco menos de 1500 habitantes a residir no seu núcleo, a vida humana organiza-se em função da actividade agrícola e dos respectivos serviços de apoio, constituindo um aglomerado com grande actividade económica, dispõe de um sistema de condução e aproveitamento de água que permite definir o seu perímetro urbano com a presença de fontes, que em geral estão nas proximidades das pontes que permitem superar as ribeiras, que por vezes são apenas "passagens" sobre a água, metendo em sistema os de lameiros produtivos, e constituindo uma rede de vias e caminhos que orientam o desenvolvimento urbano do aglomerado.

Este sistema viário cria nas intersecções, largos em geral enriquecidos com elementos arbóreos que "centram" o espaço, que permitem e estimulam encontro e proximidade entre as pessoas, que aqui encontram momento de lazer, e nos quais acabam localizando-se cafés e outros estabelecimentos que enriquecem por seu lado a vivência destes espaços característicos do ambiente urbano de Caria.

A resistência ao abandono tem vindo a consolidar-se pelo desenvolvimento da actividade económica, sendo de destacar a presença de um balcão bancário, que tem contribuído para a dinamização das iniciativas das pessoas, quer ao nível da produção agrícola, de importância regional, quer ao nível dos serviços de apoio à comunidade e às pessoas, com forte incidência no comércio e serviços de apoio à actividade agrícola, criando assim condições para a existência de um ambiente urbano bastante qualificado.

O elemento de Valor que se pode identificar com forte presença, e que tem consolidado o sentido de pertença dos residentes tem sido a presença deste conjunto "quase" equilibrado da vida humana em espaço urbano, reforçado pela presença de casa senhoriais com referência à actividade agrícola, até ao tecido urbano "menor" onde pontuam casas de certa importância como a casa da antiga Câmara ou a casa das "caras", com gárgulas antropomórficas, e a forte presença de inscrições de origem judaica, para além do sistema de fontes que delimitam o centro menor de Caria.

As gentes locais com apoio nas diversas instituições, entre as quais a Câmara de Belmonte, têm vindo a desenvolver um conjunto de iniciativas que vão contribuindo para a melhoria das condições de vivência do espaço urbano, cuidando o desenho de caminhos e de largos nos quais a vida humana se espraia no convívio e onde se promove a mostra dos valores da tradição agrícola que têm permitido ser Caria um centro de referência regional, exaltando o sentido de orgulho e de pertença, consolidado pela interessante intervenção do Museu do Território, instalado na Casa da Torre, que foi residência do Bispo da Guarda nos séculos XIII e XIV segundo refere Manuel Marques citado por António Albuquerque Mendes na sua Monografia de Caria, e que dispõe de um espólio que permite apreciar vestígios da ocupação humana dos últimos vinte séculos.

CASA
DA
TORRE
Centro de Estudos Arqueológicos

Esp@ço MU
96-MT-36
33-22-SX

SOBRAL DE S. MIGUEL

Situado nas alturas da Estrela e encaixado nas faldas do Açor, é um centro menor integrado no Concelho da Covilhã que se desenvolveu pela existência de abundantes águas nas encostas com exposição dominante a Sul, que propiciam boas condições de exploração agrícola. Contribuiu para a sua consolidação como aglomerado urbano ser um ponto de um antigo traçado que ligava as margens do Zêzere com as terras do Alva, por onde transitava o sal proveniente dos entrepostos da Beira.

Actualmente com pouco mais de 200 habitantes a residir no seu núcleo central e cerca 360 no total da Freguesia, a vida humana organiza-se em função da conformação da paisagem ocorrida ao longo do tempo, que permite cuidar os leirões de terra fértil que foram sendo construídos em socalcos, desde as alturas propícias para a oliveira e a vinha até aos lameiros fertilizados pelas águas e aluviões que a Ribeira oferece, onde se instalam as pastagens e as hortas de primavera, águas dominadas em levadas que também chegam a moinhos e lagares.

Esta ocupação do sítio tem conformado o aglomerado urbano que se organiza praticamente em fileiras de construções dispostas ao longo das curvas de nível, articuladas entre si por ligações em que dominam as escadas para vencer as diferenças de cota, criando um sistema articulado de circulação, que permite não só o acesso aos diversos serviços de apoio às pessoas e aos equipamentos de uso colectivo, assim como aos leirões que se dispõem em socalcos, onde se cultivam os diversos produtos da terra.

A resistência ao abandono tem-se consolidado pelo trabalho de um grupo de pessoas atentas ao conjunto edificado-paisagem, que têm vindo a desenvolver a ideia de conjunto "integral", onde os diversos valores humanos, urbanos e de vida na "aldeia" são ressaltados como condição de pertença a um Valor, o da vida em comum com apoio na paisagem produtiva, que fornece muitos dos produtos essenciais à vida e que permite ter um conjunto equilibrado de processos de cultivo.

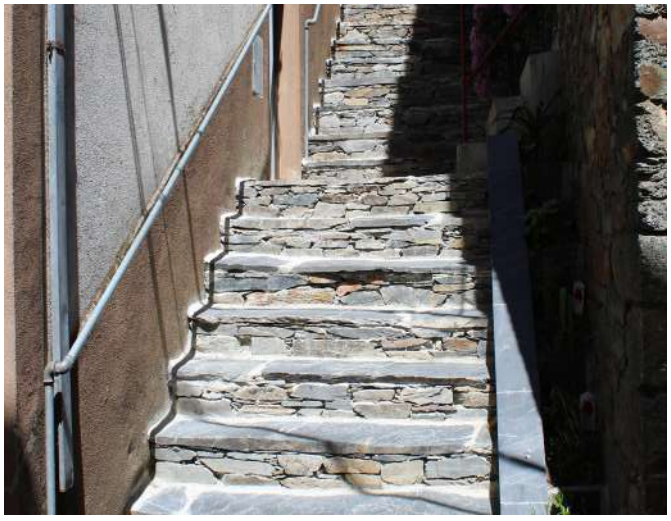
O elemento especial de Valor estudado e promovido como despoletador junto dos nativos do Sobral, residentes ou não, do sentido de pertença ao sítio, tem sido o conceito de "vida digna", com acesso aos bens e serviços essenciais, respeitando a relação com a paisagem envolvente ao aglomerado. Parece interessante a confirmação por parte dos residentes das vantagens de um modo de vida "natural e tranquilo".

Defender a cultura local como elemento aglutinador de vontades na defesa de um sentimento de pertença ao sítio, tem sido o principal objectivo daquele grupo, e como refere Sandra Ferreira, procura-se pôr em destaque os valores reconhecidos, como o modo de vida e as formas de entreajuda no suporte de uma comunidade que acredita nas raízes culturais para se afirmar e ser capaz de distinguir nas especificidades.

Tem promovido este grupo de pessoas, com apoio da Junta de Freguesia de que algumas são membros eleitos, e da Associação de Solidariedade Social, a recuperação de algumas formas tradicionais de produção e de alguns instrumentos de trabalho para a transformação dos produtos da terra, como a instalação-recuperação de moinhos de cereal e de fornos tradicionais a lenha, importantes para simbolicamente e realmente afirmar a não dependência em relação a outros centros urbanos, e de mostrar a identidade própria através dos processos de trabalho e produção.

Este movimento tem criado um crédito aos valores próprios do Sobral, que tem contribuído fortemente para a defesa dos valores patrimoniais, materiais e imateriais, que são interpretados como elementos fundadores de uma comunidade com vida própria e assim contribuindo para resistir ao abandono e ao sentimento de resignação à "perda de condições de vida digna" por parte das gentes, que se veio instalando durante a segunda metade do século passado.

Tem contribuído fortemente para o reforço deste sentido de resistência, por um lado a instalação de alguns equipamentos de uso colectivo como é o caso da piscina natural como espaço de lazer que aproveita as águas de montanha trazidas pela Ribeira e o parque infantil como espaço de jogo, por outro através de pequenas intervenções no espaço de circulação, que são vividos como "grandes" contributos para a melhoria das condições da vida, das quais se destacam, dadas as condições que proporcionam no contacto entre residências, serviços e campos cultivados, as referidas escadas de articulação de cotas, tão presentes na imagem urbana do Sobral.



JANEIRO DE CIMA

Situado nas faldas do Açor quando encontram as margens do Zêzere, é um centro menor integrado no Concelho do Fundão que se desenvolveu graças à sua condição de ponto de atravessamento do Rio, com apoio nas encostas agricultadas e nos lameiros férteis da beira-rio. Contribuiu para a sua consolidação a existência de actividades produtivas ligadas ao ambiente fluvial e seu papel como centro de difusão de produtos do rio e da sua outra margem.

Actualmente com um pouco mais de 300 habitantes, a vida humana organiza-se principalmente em torno da actividade agrícola e recentemente da actividade de receptividade turística, sendo actualmente um centro representativo do turismo de interior, iniciado com apoio no Programa Aldeias de Xisto, que o seu impulsionador, Manuel Frexes, refere como o primeiro centro de atractividade do interior beirão. O aglomerado foi objecto de significativa intervenção, com especial atenção à representação das formas de vida do campo, com integração de visitantes em busca do "vernáculo".

A ocupação do sítio caracteriza-se pela organização de um núcleo em torno de um lugar central que articula a ligação das margens irrigadas férteis com os terrenos agrícolas mais a monte, cruzando a linha de ocupação que acompanha a orientação definida pelo leito do Rio, em torno do qual se foi construindo uma malha de circulação e ocupação urbana que caracteriza o aglomerado.

A resistência ao abandono desenvolveu-se e tem vindo a consolidar-se pelo trabalho das instâncias autárquicas, com apoio no Gabinete da Rede e na entidade de promoção turística das Aldeias do Xisto, com sede no Concelho do Fundão, que orientam o desenvolvimento e divulgam as especificidades e qualidades do centro, afirmando a ideia de vida em espaço rural, atraindo forasteiros para em conjunto com residentes, se sentirem no "tempo da ruralidade". Este movimento tem-se regido por critérios de recuperação e reabilitação dos socalcos que permitem agricultar as pendentes e sobretudo das construções pré-existentes, que têm vindo a dar lugar a espaços de receptividade para forasteiros, procurando recriar um ambiente rural "autóctone", situação que a forte atenção dada à divulgação, tem permitido estimular uma intervenção de importante dimensão.

O elemento especial de Valor promovido como incrementador, junto dos naturais e residentes do orgulho da pertença a um aglomerado "autêntico", tem sido o conceito de "vida serena" com acesso aos bens e serviços essenciais, respeitando e por vezes recriando a imagem urbana do centro urbano. Parece interessante o sucesso que aquele trabalho tem tido, verificável na forte presença de operações de requalificação de edificações e de espaço urbano.

Tem contribuído fortemente para o reforço deste sentido de sucesso, o desenvolvimento de algumas operações de instalação de equipamentos etno-culturais e de lazer, como a Casa das Tecedeiras, o espaço de uso cultural junto ao rio e a construção de elementos de identidade local, como a "barca" para travessia do rio, a "nora" para elevação de água para fins de regadio e a instalação de equipamentos vocacionados para apoio ao forasteiro, como um restaurante de iniciativa municipal e a realização de festivais de música no parque ribeirinho, onde também se localiza a piscina natural.

Café
CARDOSO

BEMPOSTA

Situado na planície definida entre as terras da Idanha a Sul e as faldas da Malcata a Norte, é um centro menor que se desenvolveu na Idade Média por acção das ordens militares e que veio posteriormente a integrar o Concelho de Penamacor como aglomerado sede de uma população que se ocupava com as actividades agrícolas, e que foi capaz de se constituir como Concelho dada a importância do rendimento gerado, aproveitando as abundantes águas disponíveis para o cultivo, tradição que se deverá também dado se localizar cerca da estrada romana que ligava Mérida ao Noroeste da península, que veio a servir para a introdução de técnicas de cultivo mais aperfeiçoadas, de capitais e de gente que se fixava na região, e de que parece existirem vestígios nas proximidades.

Actualmente com menos de 100 habitantes, a vida humana organiza-se em torno do eixo Norte-Sul que estrutura o povoamento, com algumas expansões para Oeste, com um lugar central onde se localiza o pelourinho e a antiga casa da Câmara, e outros largos que representam intersecções de vias que de longe conduzem ao aglomerado, permitindo a articulação com os campos cultivados.

Esta ocupação do sítio tem conformado o aglomerado como uma "tira" construída, que desde o ponto alto do Calvário se orienta para o ponto alto do castelo, que se situa sobranceiro à linha da água principal, e que domina a entrada Sul da Bemposta, nela se encontrando as capelas e as casas de importantes balcões, tão características da Beira Raiana, e que por fim encontram a Igreja Matriz em terrenos baixos e adjacente ao aglomerado.

A resistência ao abandono tem sido protagonizada por um grupo de pessoas, residentes e não residentes, que organizados em torno de uma Associação de Desenvolvimento, tem vindo a estudar e divulgar os elementos significativos da formação e expansão do aglomerado, criando frentes de trabalho para o reconhecimento e caracterização sistemática das pedras e das técnicas e dos saberes, para criar maior orgulho e "apego à terra" por parte de residentes e naturais, e maior atractividade para forasteiros.

O elemento decisivo na identificação do Valor estudado será o conhecimento que se vem formando e consolidando, tendo dado origem com fundamento a várias iniciativas, como a publicação de uma monografia por Ana Correia, com o título A aldeia da Bemposta, como a criação de um Núcleo Museológico onde se depositaram as "Estelas da Bemposta", e mesmo algumas intervenções de requalificação do espaço urbano, com o apoio técnico e financeiro da Câmara de Penamacor.

Aquela Associação tem vindo a promover sessões de divulgação sobre os valores da Bemposta, criando um maior interesse por parte dos naturais não residentes que acabam dinamizando o espaço urbano e pondo em destaque os diversos elementos construídos que constituem a história do património, desde o castelo ao pelourinho e antiga casa da Câmara, e desde o espaço de feiras e mercados até aos notáveis edifícios residenciais urbanos e seus característicos balcões, tendo a Associação colocado uma interessante planta de localização dos vários elementos postos em destaque, que se encontra no largo adjacente ao Calvário, nas proximidades do núcleo museológico.

Bemposta.
antiga Vila e Sede de Concelho, é a aldeia
mais rica em património arquitetónico e cultural
do Concelho de Penamacor. Descubra os vestígios romanos,
passe pela Via da Estrela a caminho de Santiago de Compostela,
encontre as Cruciformes, associadas à herança judaica
e simbologia de proteção, crie o seu
próprio roteiro e volte sempre.
Mapa da
Aldeia da Bemposta
N

IDANHA- A-VELHA

Situado num cabeço encaixado num meandro do Ponsul e dominando a passagem das terras secas a Norte para a campina da Idanha a Sul, é um centro menor cujas origens radicam na romanização e que deve a ter sido município e sede de diocese o seu progressivo desenvolvimento como lugar de passagem e de controle do território, e mais tarde como centro agrícola, situação que hoje se verifica, embora as explorações, de grande dimensão, tenham excluído os residentes da distribuição de rendimento, absorvido pela sede do Concelho de Idanha-a-Nova, ou mesmo por proprietários absentistas residentes longe do território.

Actualmente com menos de 50 habitantes, a vida humana organiza-se em torno da sua importância cultural e histórica, pessoas que têm nas transferências monetárias o seu rendimento principal, apenas algumas se dedicando à exploração agrícola e à criação de gado miúdo.
A ocupação do sítio foi fortemente condicionada pela presença do rio Ponsul que conformou uma organização em cunha, com cintura muralha de origem romana, permitindo o assentamento de um eixo principal entre as portas existentes a Norte e a que foi recentemente escavada e posta em estudo a Sul, que define uma malha quase ortogonal, típica dos aglomerados de consolidação romana, ao longo da qual se localizam os equipamentos principais como o Pelourinho e a casa da Câmara na intersecção daquele com os eixos transversais, onde se localizam a antiga Sé Catedral e alguns vestígios paleocristãos.

O generalizado abandono tem-se caracterizado por um envelhecimento da comunidade residente e tem sido graças à iniciativa institucional que tem vindo a ser possível manter uma certa vida humana que através do interesse que suscita a forasteiros, vem permitindo uma procura dos diversos sítios nas diversas especialidades que oferecem, como o próprio conjunto edificado com as suas características e pontos de referência, e a oferta cultural propiciada pelos conjuntos visitáveis e expostos, desde a antiga Sé e a Torre Templária ao Arquivo Epigráfico, tendo assumido importância pela ideia que o fundou o festival de música antiga, entre outras iniciativas.

O elemento especial de Valor estudado e promovido como despoletador do interesse pelo sítio terá sido a intervenção promovida nos anos 1980 pelo Município com financiamento do Programa Interreg e com a consultoria de reconhecidos profissionais da Arquitectura e da Arqueologia, propondo o estudo do existente e a recuperação dos diversos elementos edificados que caracterizam o aglomerado e que actualmente ressaltam o valor histórico e cultural do conjunto, constituindo-se como um objectivo de visita para forasteiros, criando orgulho e sentido de pertença nos poucos residentes e nos naturais não residentes que retornam frequentemente às "berças".

A intervenção teve vários momentos decisivos, tendo sido elaborado um plano que com recurso a fundos comunitários, permitiu numa primeira fase enterrar os cabos, remover as antenas de televisão exteriores, reformular as infraestruturas - como refere Joaquim Morão, tendo nos anos 1990 começado a intervenção arqueológica e urbana apoiada pelo Programa das Aldeias Históricas, recuperando diversos edifícios de modo a poder instalar em residência, estudiosos e visitantes, estimulando a vida urbana no centro menor, e promovendo por um lado a sua imagem como destino turístico, para o que contribuiu a reabilitação da antiga Sé Catedral, a criação do Arquivo Epigráfico, a recuperação do Lagar de Varas, a intervenção na Muralha Norte com a criação da Oficina de Arqueologia e um cuidado tratamento do espaço de uso colectivo, e por outro como destino cultural e de estudo, com o desenvolvimento das escavações arqueológicas que continuamente se têm levado a cabo, atraindo estudiosos e estudantes e sendo um elemento mais na compreensão do tecido urbano e na interpretação da sua transformação ao longo dos últimos vinte séculos.

Este trabalho agora publicado procura contribuir para o debate sobre o despovoamento do interior ibérico, afrontando as questões do desânimo dos residentes e dos focos de resistência que vão surgindo um pouco por todo o território, mas que na Raya Seca têm assumido uma faceta específica, pois partem em geral de um movimento *top-down*.
Assim, durante dois anos a equipa desenvolveu observações que permitiram estabelecer hipóteses de trabalho que foram verificadas no local, através da presença nos momentos especiais e de entrevistas a autarcas e técnicos municipais e a elementos dos movimentos sociais intervenientes na discussão.
O princípio disciplinar assumido foi o da interpretação das condições de desânimo e de abandono na sua relação com a integração dos lugares na paisagem, seu tratamento e sua utilização.
Foi agora plasmado este momento da pesquisa Povoamento e Paisagem, que traduz algumas das condições seja do abandono seja da resistência ao abandono que caracterizam o "ciclo da desgraça" a que está submetido o território do interior ibérico.

A equipa de trabalho constituida por Rui Braz Afonso, Daniela Ladiana, Domingos Vaz, com a colaboração de Rui Alves, agradece a todos os que colaboraram com depoimentos, permitindo o desenvolvimento da pesquisa.
A equipa agradece também a Rafael Sousa Santos a participação na discussão dos temas em apreço.

Em especial, a equipa agradece a:
Miguel Simões (Freineda),
Júlio Marques (Vilar Maior),
Manuel Marques (Caria),
Sandra Ferreira (Sobral de S. Miguel),
Manuel Frexes e ADXTUR (Janeiro de Cima),
Ana Correia e André Oliveirinha (Bemposta),
Joaquim Mourão e José Cristovão (Idanha-a-velha),
e também a todos os Presidentes das Juntas de Freguesia dos centros urbanos observados, bem como aos técnicos municipais que apoiaram esta pesquisa.
A equipa quer também agradecer a quem disponibilizou os documentos monográficos existentes sobre os sete casos em estudo.

Esquemas urbanos: Rui Alves
Fotografias: Rui Alves, Rui Braz Afonso e Daniela Ladiana